

Secularização e trânsito religioso no Brasil. Uma perspectiva ignaciana

di LAERCIO LIMA S.J.*

Introdução

O objeto desta pesquisa é a questão do que chamo “trânsito religioso”, expressão que nos fará entrar na realidade pós-moderna no que diz respeito à vida secularizada e à religião no Brasil. A fluidez, a liquidez, e o movimento interno e externo nos grupos religiosos no Brasil especificamente nos pentecostais e neopentecostais, nos revelarão uma situação nova e desafiadora na qual precisamos dar respostas atuais como Igreja e Companhia de Jesus. O objetivo da pesquisa é também oferecer um caminho de análise, interpretação e projeção da nossa realidade atual.

Desse modo, a reflexão gira em torno da fragilidade da identidade cristã, fruto da secularização; que gera o trânsito religioso, na maioria das vezes impulsionado pela TV confessional. Os números do trânsito religioso, revelam um mercado movido pela fé e como este mercado rende milhões às diversas igrejas. Ao mesmo tempo, mostramos como a Igreja hierárquica diante do efeito pentecostal-neopentecostal ainda não tem claro como agir para direcionar a sua vida.

Temos consciência de que esta pesquisa exigiria mais aprofundamento para retratar a realidade complexa do Brasil. O filósofo Charles Taylor, na sua reflexão sobre a secularização, entendida como realidade social sem Deus e seus símbolos, afirma que o homem de hoje é cada dia mais indiferente à religião, especialmente na Europa. Esta situação não é ainda uma realidade no Brasil, mas avança de acordo com o ritmo da pós-modernidade em direção a uma convivência da sociedade com a Igreja sem maiores confrontos; tal situação, porém, gera uma crise de identidade, pois há uma cisão entre uma e outra.

Porém, não é o nosso objetivo somente fazer uma crítica à secularização e seus efeitos universais, buscamos focar a pesquisa de modo especial na realidade sócio-eclesial brasileira dos últimos 30 anos, mostrando a velocidade que há na troca de experiências religiosas e espirituais através da mudança ocorridas nas igrejas e movimentos. Isto é caracterizado como trânsito religioso e é visto como a principal mudança neste âmbito

* LAERCIO LIMA S.J., Licenziato in Teologia Spirituale, limalimasj@gmail.com

na Igreja Católica no Brasil, pois quebra o vínculo comunitário com a mesma e com as instituições religiosas mais tradicionais. Para entender esta realidade, fundamentamos nosso trabalho nas obras de Pedro Rubens e Mario de França Miranda com seus respectivos modos de entender as raízes da fé católica no Brasil desde os primórdios, até a presença da Igreja na sociedade fragmentada atual.

Apresentamos a nossa pesquisa em três partes. Na primeira, mostramos a realidade brasileira em números que são estatísticas do IBGE e outros instrumentos que tentam oferecer cifras de um quadro da realidade das mudanças da sociedade brasileira nos últimos 30 anos. A partir destes números, como por exemplo: o número dos divórcios, da relação dos jovens com a Igreja e da questão vocacional, apresento também a questão financeira de algumas igrejas com seus meios de comunicação sociais e a influência dos mesmos na vida de fé, assim como o grau de responsabilidade delas nas mudanças no cenário religioso do Brasil que gerou uma transformação muito rápida na vida de fé do povo brasileiro.

Na segunda parte, nos aproximamos aos documentos oficiais da Igreja no Brasil, como as Diretrizes da Ação Evangelizadora (2008 a 2019), e à vida e postura dos movimentos e pastorais da Igreja, revelando a distância que há entre o discurso oficial da Instituição e a realidade. Desse modo, evidencio como o pentecostalismo mudou a face da Igreja e das igrejas no Brasil.

A partir deste confronto entre discurso oficial e não oficial, indicamos na terceira parte, um caminho espiritual: retomar o caminho interior e resgatar a profecia com uma pastoral atualizada e ao mesmo tempo madura, sem a necessidade de perder os valores e critérios evangélicos e do Reino para uma busca de fiéis que visa encher a igreja paroquial.

I. Análise sócio - eclesial da igreja no Brasil nos últimos 30 anos

Refletir sobre a sociedade e a experiência da fé e dentro da realidade brasileira, é um trabalho que deve ser feito em conexão com a história do Brasil. Porém, não podemos pensar a evangelização no Brasil nos últimos 30 anos sem dar um olhar especial e uma análise sobre a persuasão dos Meios de Comunicação Social, de modo especial a TV e a sua influência na decisão de alguém tornar-se crente ou não. Deste modo, para compreender as mudanças no âmbito particular das pessoas, é fundamental saber como a sociedade e a religião se relacionaram ao longo dos anos. A história do Brasil nasce com a colonização portuguesa no ano de 1500 e trouxe consigo a religião europeia (ibérica) com os seus ritos e a sua teologia. A primeira missa foi celebrada no Brasil no mesmo período da chegada dos portugueses, no dia 26 de abril de 1500, na Bahia. A marca da cruz e da fé, no entanto, só se espalhou com o passar dos anos. Naquele tempo, havia em média 3 a 4 milhões de índios em terras brasileiras com a sua própria religião, cultura e costumes¹ totalmente ignorados pelos colonizadores brancos e católicos. Hoje, a reali-

¹ M.P. GOMES, «Índios do Brasil» [Acessado: 30/11/16].

dade brasileira é bastante diversa e desafiadora, por isso, busco apresentar um panorama no intuito de ser uma boa base para a segunda parte hermenêutica e para a última que tem caráter mais mistagógico.

1. A Realidade sócio - eclesial brasileira

Compreender o momento atual do Brasil é também um exercício de volta ao passado para entender alguns acontecimentos frutos da modernidade. É também compreender o momento hodierno do cristianismo e a grande fuga do catolicismo em direção ao meio evangélico, aumentando assim, o grupo dos sem religião² ou não crentes, como aconteceu em outros países e continentes. O então Cardeal Joseph Ratzinger no ano de 1969 em suas transmissões radiofônicas, disse que a Igreja seria redimensionada, perderia muitos seguidores, seria inclusive *«obrigada a abandonar boa parte dos lugares de culto que construiu ao longo dos séculos»*, ele ainda diz que a Igreja será *«uma Igreja Católica de minoria, pouco influente nas decisões políticas, socialmente irrelevante, humilhada e obrigada a voltar às suas origens»*³. O Cardeal Carlos Maria Martini afirmou que *«crer será uma livre escolha em um mundo ateu. Não creemos por uma herança, mas por adesão»*⁴. Karl Rahner, por sua vez, quando falava sobre a pretensão do cristianismo ter um poder absoluto, afirmou que, *«Devemos tranquilamente admitir que muitas das formas concretas das religiões e do cristianismo são historicamente condicionadas e poderão morrer»*⁵.

Começarei analisando alguns números apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para uma melhor compreensão da fenomenologia do movimento religioso no Brasil nos últimos 30 anos, de modo especial depois do uso da TV e seu papel no proselitismo ou trânsito religioso brasileiro.

² Identifico como os sem religião aquelas pessoas que participam de diversos ritos religiosos, mas sem identificação com uma religião específica. Em alguns casos, o termo sem religião pode significar também aquelas pessoas que não praticam ou não buscam nenhuma expressão religiosa, mas crê em algum deus, ou no Deus cristão.

³ *«Dalla crisi odierna emergerà una Chiesa che avrà perso molto. Diventerà piccola e dovrà ripartire più o meno dagli inizi. Non sarà più in grado di abitare molti degli edifici che aveva costruito nella prosperità. Poiché il numero dei suoi fedeli diminuirà, perderà anche grande parte dei privilegi sociali... Ma dopo la prova di queste divisioni uscirà da una Chiesa interiorizzata e semplificata una grande forza»*: Este fragmento foi tirado da dispensa da aula do Professor Francisco, citando Joseph Ratzinger in Dispensa do curso «Nova Evangelização e seus desafios» do Professor Francisco Cosentino, sem número de página enumerada ou especificada.

⁴ Cfr. Aula no curso «Nova Evangelização e seus desafios» do Professor Francisco Cosentino, citando livremente o Cardeal Martini.

⁵ *«Dobbiamo tranquillamente ammettere che molti aspetti delle forme concrete delle religioni e dello stesso cristianesimo sono storicamente condizionati e possono morire. (K. RAHNER, «Sulla pretesa del cristianesimo di possedere un valore assoluto», Nuovi Saggi IX, 237-238)»* citado in Dispensa do curso «Nova Evangelização e seus desafios» do Professor Francisco Cosentino, sem número de página enumerada ou especificada.

Três elementos devemos considerar ao fazermos um levantamento das religiões no Brasil:

O primeiro é a percepção da existência de um grande trânsito religioso.

O segundo elemento, é o crescimento da população que não acompanha mais as tradições religiosas da família. Ou seja, o grande grupo que se declarava católico nos anos 70 não se manteve na mesma tradição religiosa como por herança ou tradição que se transmite de uma geração para a outra, embora a matriz simbólica seja ainda a católica⁶.

Um terceiro e último elemento, é a presença da secularização que afeta o estilo de vida de todas as classes sociais, nas mais diversas expressões religiosas.

1.1. Os números da fé no Brasil dos anos 70

Anos	População total	Católicos	Evangélicos	Outras religiões	Sem religião
1970	93.470.036	85.775.047	4.833.106	2.157.229	709.924
		91,80%	5,20%	2,50%	0,80%

Fonte: Produção pessoal com base nos dados do IBGE, Cfr. GLOBO.COM, «Número de evangélicos aumenta» [Acessado: 28/11/16].

É interessante perceber que tivemos um rápido crescimento da população na década de 70 e 80. Vemos que hoje, pelo contrário, é maior o controle de natalidade no Brasil, o êxodo do campo para a cidade, fruto da urbanização e da industrialização revela uma mudança muito intensa nos números que dizem respeito às religiões. Como vimos, na década de 70, o Brasil era majoritariamente católico, as outras religiões e os Evangélicos chegavam só a 7,7 % da população. O grupo que se declarava sem religião era apenas de 0,8%. Neste período, a população brasileira era de 93.470.036. Depois de quase meio século, o número de pessoas duplicou velozmente chegando nos dias de hoje a mais de 206.000.000 de habitantes.

No que se refere aos evangélicos, as cifras cresceram enormemente no sentido de que passamos de 5,2% no ano 2000, e chegamos a 2010 a 22,2%. Quando observamos esta evolução dos anos de 2000 a 2010, constatamos que, os que disseram ser evangélicos, cresceram 64%. Quanto aos católicos a queda foi de 1,3%, mantendo a cifra de 64% da população que se declarava católica. O quadro a seguir, mostra quanto o trânsito religioso na sociedade brasileira é real e como a religião ainda exerce um papel importante na sociedade atual.

⁶ Cfr. P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 37 que afirma: «Ora, se o cristianismo continua majoritário em terras brasileiras, ele possui muitas facetas. No entanto, as manifestações plurais e as figuras diversas referem-se à mesma matriz sociocultural e religiosa: o catolicismo popular».

1.2. *Transito religioso: Números sobre a fé no Brasil nos anos 2000 a 2010*

Anos	População total	Católicos	Evangélicos	Outras religiões	Sem religião
2000	169.755.799	125.517.222 73,90%	17.975.106 15,60%	5.409.218 3,20%	12.492.189 7,40%
2010	190.755.172	123.280.172 64,60%	42.275.440 22,20%	9.864.677 5,20%	15.335.510 8,00%

Fonte: Produção pessoal com base nos dados do IBGE no site Globo.com «Número de evangélicos aumenta», [Acessado: 28/11/16].

Vale a pena chamar a atenção para o fato que a parte mais pobre do país no ano de 2010 se manteve ainda com um número elevado de católicos, chegando a 72% em 2010. A região sul, desceu de 77,4% para 70,1%. A maior redução aconteceu no Norte do País, passando de 71% em 2000 para 60,6% em 2010. Este quadro mostra a tensão clara entre pobres e ricos e o trânsito religioso. A religião oferece uma resposta a públicos diferentes em suas próprias realidades sociais e ao mesmo tempo é interessante perceber que este trânsito religioso, não distancia os fiéis da matriz católica no que diz respeito à religiosidade popular, embora já seja resultado da crise de identidade que o crente sofre e tenta buscá-la na religiosidade, e não mais em uma religião institucional e estruturante, mas, em movimentos espiritualistas e pseudo-igrejas, que oferecem uma religião porosa e dispersa. A matriz católica está presente na prática pentecostal e neopentecostal que utiliza os mesmos símbolos que por longo tempo foram importantes nas liturgias e para-liturgias da Igreja Católica em seus sacramentos e sacramentais, como é o caso do óleo, água, benção, unção, exorcismo e imposição das mãos, ultimamente usando inclusive vestes litúrgicas católicas. Sendo assim, o catolicismo, para alguns pensadores como Pedro Rubens, sofre até hoje uma crise de identidade e ele questiona se de fato existe um catolicismo verdadeiro no Brasil ou se o que há é uma religião popular sincrética sob um revestimento católico⁷. O que dizer então do movimento Evangélico, já que o pentecostalismo e o neo-pentecostalismo são tão ou mais sincréticos que o catolicismo? Pedro Rubens citando José Comblin, afirma que «o catolicismo oficial definido pela teologia e pelo direito canônico nunca existiu ... É perfeito porque nunca existiu»⁸. São afirmações duras, mas que revelam a realidade em um país multicultural e sincrético desde as origens. O trânsito religioso e o sincretismo, afetam principalmente os mais pobres e as grandes periferias, conforme o quadro abaixo.

⁷ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 46.

⁸ Cfr. P. RUBENS, *O Rosto plural da fé*, 52, citando J. COMBLIN, «Por uma tipologia do catolicismo no Brasil», *Revista Eclesiástica Brasileira* 28/1 (1968) 46-73.

Influência da classe social A, B, C, D, E na prática da fé⁹

Religiões	Classes sociais	Porcentagem
Católicos	AB	72,72%
	E	69,07%
Evangélicos tradicionais	AB	8,35%
	C	8,72%
Evangélicos Pentecostais	D	14,98%
Outras religiões	AB	9,25%
	E	2,24%
Sem religião	AB	6,91%
	E	7,72%

Fonte: Produção pessoal com base nas informações de M.C. NERI. «Novo mapa das religiões» [Acessado:30/11/16].

O nível de escolaridade também afeta e influencia o trânsito religioso. Entre os católicos praticantes, de um total de 64,6%, apenas 5% declararam participar da vida da Igreja, ou seja, 7 milhões de um total de 123.280.172. Um dado interessante é que 48% dos católicos entrevistados afirmaram não terem ido à Igreja no último mês. Mesmo diante deste cenário, a Igreja goza de grande confiança por parte dos brasileiros e isso fica claro em uma pesquisa feita no ano de 2015 pela CNT/MDA (Confederação Nacional de Transporte) que mostra que 70,5% confia sempre, ou na maioria das vezes, na Igreja. Depois da Igreja, vem as Forças Armadas bem abaixo com 15,5%, a Justiça com 10,1%, a Imprensa com 4,8% e o Governo com 1,1%. Desse modo, mesmo que a instituição Igreja Católica não seja fundamental para a vida da grande massa, no sentido de não influenciar as suas mentes e decisões morais, ela ainda possui prestígio para mais de 50% dos brasileiros.

Ainda a respeito do trânsito religioso, um elemento que deve ser considerado é a fluidez com que muitos destes participam de várias religiões ao mesmo tempo, pois não se identificam com uma só religião ou grupo. Pessoas que se declaram espíritas, se dizem também ser católicos ou evangélicos. O autor João Fernandes Reinert em sua tese de mestrado, cita o teólogo Mario de França Miranda quando diz que o ser humano ganhou a capacidade de escolher a religião que desejar, o que antes acontecia através da tradição¹⁰. A religião não é mais uma “herança”, mas uma escolha a partir daquilo que mais me interessa ou me agrada, «*com o amanhecer da pós-modernidade, as instituições já não são mais o eixo ao redor do qual o indivíduo pós-moderno orienta sua existência e constrói sua identidade sócio religiosa. Esta é reelaborada individualmente a partir de um vasto mercado de possibilidades de experimentos. Sem vínculos duradouros ou até mesmo*

⁹ O IBGE no Brasil classifica a sociedade em classes sociais A, B, C, D, E. Cada letra representa um grupo de pessoas a partir do seu poder de compra e da renda mensal, ou seja, do seu salário e rendimentos. As letras de forma crescente começando pela letra A representa a classe alta da sociedade, terminando com a letra E que representa os mais pobres.

¹⁰ J.F. REINERT, «O Contexto sociocultural e religioso» [Acessado: 31/10/16].

ausente de qualquer sentimento de pertença»¹¹. O mesmo autor citando o pesquisador Alberto Antoniazzi vai dizer que é próprio deste tempo uma religiosidade nômade e peregrina, é um elemento característico da religião contemporânea; o homem pós-moderno é «assediado pela diversidade religiosa à sua disposição, ele transita livremente, sem qualquer sentimento de culpa, entre várias opções religiosas existentes na busca da construção de sua identidade sociocultural-religiosa»¹².

A partir dos dados do IBGE, podemos entender e refletir a respeito dos motivos da mudança de religião ou trânsito no contexto social brasileiro. Fica claro que a pesquisa expressa a estrutura que conhecemos no que diz respeito ao perfil do homem e da mulher com relação a fé, uma vez que as mulheres mudam de religião por causa de problemas relacionados aos afetos e ao coração; já os homens por causa de problemas mais práticos e financeiros conforme o quadro abaixo. Logo em seguida, veremos o trânsito religioso em um gráfico mais amplo a respeito da migração entre as religiões no Brasil:

Motivos pelos quais buscam a religião	Homens	Mulheres
Problemas econômicos	51,20%	27,00%
Desemprego	47,50%	21,00%
Doença pessoal	43,00%	36,40%
Doença/morte dos filhos	22,70%	59,00%
Doença/morte do cônjuge	22,70%	44,50%
Problemas conjugais	2,00%	39,50%
Solidão	0,00%	15,70%

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de R. CARDOSO, «O novo retrato da fé no Brasil». [Acessado: 13/12/16].

Dentro deste trânsito religioso, acontece no Brasil um evento que já se esperava: a presença dos evangélicos não praticantes. São os que nascem no evangelismo, mas dizem não ao seguimento da tradição dos pais. O IBGE revelou que neste ano de 2016, o número cresceu uma vez que passou de 0,7% para 2,9%. O resultado está ligado diretamente ao enfraquecimento da transferência de tradição, efeito que desde muito tempo acontece entre os católicos.

Outro elemento de grande importância, é que no ano de 2014, o Brasil alcançou o nível de pleno emprego entre 2009 e 2014 chegando a ter só 4,9%¹³ de desocupados. Este fenômeno nos coloca numa situação que nos obriga olhar para o evento religioso com outros olhos. Afinal, os pobres ficando menos pobres, tornaram-se mais independentes inclusive da religião que promete prosperidade e sucesso. Porém, pelo que vemos, ainda é cedo para anunciar uma debandada dos fiéis dos enormes templos no Brasil.

O teólogo Pedro Rubens nos leva a refletir a respeito deste trânsito, especificamente do catolicismo para o movimento pentecostal, dizendo que este atinge as grandes mas-

¹¹ J.F. REINERT, «O Contexto sociocultural e religioso» [Acessado: 31/10/16].

¹² J.F. REINERT, «O Contexto sociocultural e religioso» [Acessado: 31/10/16].

¹³ Cf. BRASIL247, «IBGE aponta quadro de pleno emprego no Brasil» [Acessado: 13/12/16].

sas suburbanas. Através de uma denúncia do pecado, o missionário apela à conversão, e esta leva a uma regeneração, ou seja, a uma vida nova¹⁴. Quanto ao catolicismo, o mesmo autor afirma que acontece um evento interno no modo de viver a experiência de fé própria do novo contexto social:

O catolicismo secularizado ou interiorizado. Já que a religião se revela incompatível com os desafios da secularização e da democratização da vida na sociedade moderna, urbana, técnica e industrializada, verifica-se uma nova tendência religiosa que se apoia em três constatações: primeiro, o cristianismo aparece como uma via de unificação interior da pessoa diante da solidão e da angústia da vida moderna; em seguida, a religião cria comunidades fraternas; enfim, o cristianismo propõe um sistema de valores morais e sociais. Trata-se de um catolicismo vivido em pequenas comunidades ou grupos de intercâmbios em torno de problemas familiares, de narrativas de experiências pessoais e de testemunhos de vida. A religião assume aspectos psicossociológicos acentuados¹⁵.

1.3. A secularização em Charles Taylor e a realidade sócio - eclesial brasileira

Os três tipos de secularização apresentados por Charles Taylor em seu livro *Uma era secular*, revela a atual relação da sociedade europeia pós-moderna com Deus¹⁶. No primeiro tipo de secularização, ele diz que a nossa relação com um Deus transcendente foi deslocada do centro da vida social. O Espaço público foi esvaziado de Deus ou não possui mais qualquer referência à uma realidade derradeira. Numa segunda situação, ele diz que houve «o abandono de convicções e práticas religiosas, pessoas se afastando de Deus e da Igreja» e por último, fala da «passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras, e em geral, não é mais fácil ser abraçada».

Quando olhamos para a realidade brasileira, de modo especial diante dos números vistos no quadro 1.1: *Os números da fé no Brasil dos anos 70*, e do contexto sócio-eclesial que proporciona uma busca pelas mais variadas experiências religiosas no Brasil, fica nítida uma comunhão com o pensamento de Charles Taylor, uma vez que, diante da realidade e do ressurgimento da religião na cultura brasileira, os três tipos de secularização acontecem simultaneamente, porém não em sua plenitude.

O primeiro tipo de secularização ainda não está completamente presente no Brasil. O Estado é laico, mas o povo em sua grande maioria é religioso e 92% da população de acordo com a pesquisa do IBGE, afirmava ter religião, ou seja, mais de 175 milhões de Brasileiros se declaravam religiosos. Estas pessoas ainda buscam na religião uma compreensão da própria vida e realidade. O segundo tipo de secularização apresentado por Charles Taylor, acontece de alguma forma no Brasil, uma vez que há um abandono da prática católica, pois muitos não se identificam mais com a Instituição que nos últimos anos se viu muito fechada, conservadora e distante da vida do povo. Mas mesmo assim,

¹⁴ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 57.

¹⁵ P. RUBENS, *O Rosto Plural da fé*, 57.

¹⁶ C. TAYLOR, *Uma Era Secular*, 14-15.

a Igreja Católica é maioria no Brasil representando em 2010, 64,60% da população brasileira de acordo com o quadro citado acima.

Porém, um grande grupo deixou de se identificar como católico, passou à prática religiosa de outro estilo como o pentecostalismo de corte evangélico. Ou até mesmo deixou a Igreja Católica para viver uma espiritualidade individual sem ter referência a alguma instituição, seja católica, seja evangélica. O grupo de outras religiões e os dos sem religião, somam a cifra de 13,20% (quase 25 milhões de habitantes). Vale lembrar que dentro do grupo dos sem religião, há aqueles que não se identificam só com um grupo religioso mas participam de vários ao mesmo tempo. Portanto os dois primeiros tipos de secularização apresentados por Charles Taylor são questionados pela realidade brasileira, pois, ainda há uma forte presença do sagrado e do transcendente na vida da sociedade.

Embora as pessoas, em sua grande maioria, não busquem um seguimento de Jesus Cristo a partir de um grupo religioso concreto, buscam, no entanto, a dimensão «mágica» do sagrado. Sendo assim, o terceiro tipo de secularização segundo Charles Taylor é o que mais aparece no cenário brasileiro dos últimos anos; a religião passou a ser uma opção entre outras, o que no Brasil é um dos motivos que gera o trânsito religioso e o mercado da fé.

Atualmente, o tema da religião tem estado presente (de novo) entre os intelectuais, entre os fiéis e em várias esferas da sociedade brasileira. O tema do sagrado, que vai além do cristianismo e da prática religiosa católica, volta ao centro das questões no Brasil. O crescimento dos grupos de orientação evangélica, especialmente os pentecostais e neopentecostais, juntamente com o trânsito religioso, nos leva a perguntar pelo verdadeiro sentido e função da religião e ao mesmo tempo da qualidade da relação entre religião e sociedade. A questão ganha mais relevância depois que aparece no cenário político a bancada evangélica e a bancada católica na Câmara dos Deputados e do Senado, muitas vezes unidas entre si, a fim de aprovar ou barrar leis que lhes são de interesse comum, apelando à defesa da moral e dos bons costumes, em nome de Deus. Porém, ironicamente, é um dos grupos mais corruptos na política nacional.

Estes elementos próprios da secularização que diz respeito direto à vida das instituições apresentadas por Charles Taylor afetam as pessoas e a vida dos jovens, especialmente uma vez que eles já não acolhem mais a tradição da religião dos pais e avós. Este novo modo de viver, livre da instituição religiosa, marca um novo modo de estar na sociedade. É o que veremos a seguir.

2. Os jovens, as vocações e a religião no Brasil

Talvez sejam os jovens os mais afetados pela mudança sócio-eclesial e os que menos possuem consciência deste processo na vivência e transmissão da sua fé. A fragilidade das instituições e das verdades que antes eram tidas como absolutas e inquestionáveis, são hoje, vistas pelos jovens como algo que ficou para trás. O processo de secularização e individualização do ser humano oferece a cada um a possibilidade de tirar as suas próprias conclusões e assim fazer as suas escolhas. Porém, pelo fato de estarem envolvidos profundamente em uma sociedade capitalista que transforma pessoas em mercado-

rias ou consumidores em potencial, pela falta de uma experiência profunda e transformante de Jesus Cristo e de uma catequese profunda como base de sua vida de fé, pela forte influência da busca pelo prazer e o esquecimento da busca pelo sentido da vida e da existência, como também a falta de uma capacidade de leitura crítica do momento social em que vivemos, os jovens são conduzidos a um processo de individualismo acelerado, que gera insegurança e leva-os a procurar nas coisas e no momento atual, a aplicação de toda a sua energia no desejo de encontrar a realização pessoal ou a felicidade. Todo este processo termina em frustração e inquietação. Na vida de fé acontece o mesmo fenômeno: muitos buscam a religião que seja de acordo com a própria etapa de vida e que traga uma certa recompensa pela sua busca.

O IBGE revela que dos jovens entre 16 e 24 anos, em média, 44,2% são católicos e 37,6% são evangélicos; 6,7% de outras religiões e 11,5% revelaram não participar de nenhuma religião¹⁷. No quesito casamento e divórcio, aconteceu um crescimento, segundo o IBGE nas dissoluções de casais que não tinham filhos, passando de 26,1% do total, em 2000, para 40,3%, em 2010¹⁸. Este fato e os números que seguem, revelam (segundo nossa opinião) que há um problema entre o ser e o agir. Na realidade, no dia-a-dia, a religião afeta sim a vida das pessoas. Mas passou o tempo em que elas sentiam a obrigação moral ou religiosa de se manterem casados. Há um hiato entre crer e viver.

A falta de maturidade por parte dos nubentes é um dos motivos mais alegados para o divórcio entre os católicos quando se busca o divórcio ou mesmo a nulidade matrimonial. A sociedade, suas estratégias e mudanças culturais, afetam em cheio a família e a Igreja, uma vez que há uma inversão nos critérios das relações consigo mesmo, com o outro e com o sagrado; a lei e a norma que antes vinha da Igreja (do sagrado), agora vem do mercado. A própria CNBB nos alerta para isto nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (2011-2015) afirmando que, «*Os critérios que regem as leis do mercado, do lucro e dos bens materiais regulam também as relações humanas, familiares e sociais, incluindo certas atitudes religiosas. Crescem as propostas de felicidade, realização e sucesso pessoal, em detrimento do bem comum e da solidariedade*»; O resultado segundo a CNBB no mesmo Documento é que «*Não raras vezes, o individualismo desconsidera as atitudes altruístas, solidárias e fraternas*».

Podemos encontrar o efeito da secularização nos novos dados a respeito dos casamentos e divórcios. Em 2009, o número de casamentos chegou a 933.628 e em 2010 o número foi de 977.620. O número de divórcios no ano de 2010 foi de 243.224 e 67.623 separações. A idade média para os homens foi de 43 anos e 39 para as mulheres; 75,2% destes divórcios foram consensuais e 52,2% foram pedidos por mulheres no ano de 2010¹⁹.

No que diz respeito à vida consagrada e aos seminários, podemos afirmar que no Brasil, ainda há uma grande busca por esta resposta vocacional. Sendo um país com

¹⁷ D. Alvarenga, «44,2% dos jovens entre 16 e 24 anos são católicos, diz Data Popular» [Acessado: 28/11/16].

¹⁸ Cfr. Dados do IBGE no site Globo [Acessado: 28/11/16].

¹⁹ Cfr. Globo.com, [Acessado: 28/11/16].

muitos jovens, no ano 2000 a geração compreendida entre 20 e 24 anos correspondia a 10% da população do país e de acordo com o Ministério do Planejamento, este número seria o maior da história brasileira. A CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil) e o CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Investigação Social), promoveram uma pesquisa a fim de ajudar a compreender melhor a juventude e a questão vocacional. Esta pesquisa foi feita com jovens que deixaram a casa de formação e voltaram para a vida laical e com alguns que ainda permanecem na vida religiosa e no seminário. A indagação buscou trabalhar as motivações das entradas e das saídas e como foi o processo de discernimento. Também indicou a crise de gerações que ocorre dentro das casas de formação e mostrou mudanças próprias deste tempo.

A vida religiosa no Brasil tem uma presença importante. No ano de 2008, o CERIS publicou que existem 33.333 religiosas, 20.561 religiosos presbíteros e 500 congregações e ordens religiosas. Mas precisamos ainda conhecer mais os jovens para entendê-los e assim ajudá-los a viver melhor sua vocação. Vejamos os motivos de entrada na vida religiosa por parte de 30 jovens ao responderem algumas perguntas previamente estruturadas:

Motivos de entrada na Vida Religiosa

	Situação do jovem no tempo da pesquisa
Opção pelos pobres	Egresso
Amor ao Evangelho	Egresso
Seguir Jesus	Egresso
Ascensão Social	Egresso
Sair do Interior	Egresso

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 107.

Motivos de entrada na Vida Religiosa

	Situação do jovem no tempo da pesquisa
Amor ao Evangelho	Em Formação
Desejo de servir a Igreja	Em Formação
Busca de formação Intelectual	Em Formação
Busca de Status	Em Formação
Sair do Trabalho Rural	Em Formação

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 107.

A mesma pesquisa perguntou a respeito do que anima e impulsiona a permanência na província ou congregação com a seguinte questão: «Enumere três aspectos de sua província que o anima a permanecer nela»; o resultado é uma soma de ideias a respeito da vida religiosa que não leva a uma experiência madura, assim, no momento de uma crise ou dificuldade os jovens não são capazes de enxergar o verdadeiro motivo para permanecer na vida consagrada: o seguimento de Jesus Cristo e de seu Reino - fazer a vontade de Deus.

Motivos para continuar na Vida Religiosa

	FEM	MAS
Vivência do carisma, do ideal do Fundador e do sonho inicial	59,60%	48,00%
Vivência comunitária, fraterna, amizade, acolhimento, confiança	48,90%	64,00%
Missionariedade: Pluralidade de opções missionárias, inculturação	36,20%	24,00%
Opção pelos pobres, inserção no meio do povo, na justiça	29,80%	20,00%
Espiritualidade encarnada, vida de oração e contemplação	40,40%	12,00%
Mudanças e avanços na formação, acompanhamento personalizado	21,30%	56,00%
Testemunho do fundador e dos companheiros	29,80%	12,00%
Abertura ao novo, audácia, busca de coerência	29,80%	28,00%

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 95.

Alberto Antoniazzi dizia que para muitos dos jovens que entram na vida religiosa, lhes faltam elementos básicos da vida cristã, uma vez que é ali ou no seminário que muitos têm por primeira vez uma relação mais pessoal com Jesus e descobrem uma espiritualidade evangélica, é a «primeira oportunidade de experimentar o Deus de Jesus em uma comunidade para a qual a fé representa o valor fundante»²⁰. O autor segue afirmando que «é preciso que eles passem por uma conversão pessoal e que encontrem uma comunidade que possa sustentar sua caminhada posterior na fé»²¹.

Em tempos de trânsito religioso, esta conversão pessoal passa por uma experiência íntima de Jesus Cristo e sem ela será impossível sustentar este projeto de vida «em uma cultura pós-cristã e até pós-religiosa como será provavelmente cada vez mais a nossa»²² sociedade brasileira.

A «espiritualidade líquida»²³ afeta também as casas de formação. Assistimos a uma virada na supervalorização da dimensão espiritualista de cunho mais pentecostal. Desse modo, passamos de uma formação que era característica de uma época de cunho mais politizada, seja nas comunidades de bases, como nos seminários, a uma formação sem espiritualidade, mais voltada à dimensão ritual e moralizante, porém com uma valorização do emocional; além disso, deu-se um enfoque muito grande na liturgia e suas rubricas, porém esvaziada de mistagogia e de transcendência. Acontece assim uma supervalorização do espiritualismo em detrimento de uma maturidade do jovem que busca a vida religiosa ou o sacerdócio. Quanto aos motivos para abandonar a vida religiosa ou o seminário, estes são em sua grande maioria, intimistas ou egocêntricos, portanto, totalmente diferente das razões pelas quais os jovens decidiram fazer esta experiência de maior radicalidade vocacional, uma vez que apresentam sempre motivos oblativos, conforme o quadro abaixo:

²⁰ M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 97.

²¹ M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 97.

²² M.F. ANJOS, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 97.

²³ O termo «espiritualidade líquida» neste caso, utilizo para fazer uma ligação com o termo «líquido» usado por Zygmunt Bauman que usa este adjetivo para falar em fluidez e movimento.

Egressos	Em formação
Falta de liberdade	Contratestemunho entre os Religiosos
Decepção com a estrutura da Igreja	Modelo de vida comunitária ultrapassada
Falta de diálogo	Realidade da proposta do evangelho
Campo afetivo-sexual	Incompreensão - às etapas de formação
Assédio sexual	
Opressão da vida sexual	
Favoritismo	

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de M.F. Anjos, ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, 110.

3. A nova e complexa forma de ver e viver a religião no Brasil

Em relação à complexidade da sociedade no que diz respeito aos valores outrora concebidos como invioláveis, a antropóloga Regina Novaes conta que o censo de 2000 nos mostra o cenário diante de uma única pergunta «qual é a sua religião?» Comentando o resultado do IBGE, ela diz que os jovens responderam com 35 mil respostas diferentes. Ela afirma ainda que o brasileiro possui uma ideia variada do que ele define como sua fé²⁴ «Evidencia-se a privatização da experiência posta no indivíduo como sujeito autônomo da sua fé, capaz de escolher dentre as ofertas do mercado religioso os aspectos que lhe agrada e que contribuem para a recomposição de seu mundo e integramos em uma variada coloração religiosa»²⁵.

A estrutura da Igreja Católica no Brasil continua crescendo, aumenta-se o número de sacerdotes e de paróquias, embora este crescimento não signifique necessariamente crescimento numérico de católicos. Ou seja, a população continua crescendo, o número de paróquias e clérigos também, mas não cresceu a população católica, pelo contrário diminuiu drasticamente. Vejamos no quadro a seguir, como a agência de notícias *Zenit* mostra a realidade da Igreja Católica no Brasil no dia 20 de julho de 2013.

Paróquias	10.802
Centros pastorais	37.827
Bispos	453
Sacerdotes	20.701
Religiosas	30.528
Religiosos	2.703
Diaconos Permanentes	2.903
Catequistas	483.104
Seminaristas Maiores	8.956
Seminaristas Menores	2.671
Missionários Leigos	144.910

Fonte: Produção pessoal com base nos dados de *Zenit*²⁶

²⁴ Cfr. R. NOVAES, «Dossiê das religiões no Brasil» [Acessado: 28/11/16].

²⁵ Cfr. C.O. RIBEIRO, «Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo», *Estudos de Religião* 27, 2 (2013) 53 – 71.

²⁶ ZENIT, «O Papa no Brasil» [Acessado: 29/10/16].

Há uma tensão na interpretação dos dados das pesquisas a respeito dos números do catolicismo no Brasil, uma vez que, o número de pessoas que se declaram católicas diminui, ano após ano, porém o número de paróquias, de vocações ao sacerdócio e ao diaconato permanente cresce. Seria este crescimento um sinal de que cresce também o número de católicos? Para o pensador Pedro Ribeiro, sim, porém, para a socióloga Silvia Fernandes, não. O CERIS²⁷ instituto ligado à CNBB em sua análise de conjuntura e avaliação dos números do IBGE em 2010, afirma que o número de paróquias católicas cresceu em 2008 para 10.720. O instituto afirma ainda que o número de padres tanto brasileiros como estrangeiros cresceu 7,58% (de 20.561 para 22.119)²⁸.

Nos anos 70 e 80 acontece uma mudança importante no âmbito eclesial: a experiência “pentecostal” na Igreja Católica. A experiência pentecostal é fruto das transformações impulsionadas pelo Concílio Vaticano II que pedia uma maior abertura ao mundo e convocava a Igreja a um novo Pentecostes. Deve-se destacar que o movimento pentecostal não foi só uma resposta à evasão de católicos a outras igrejas, afinal este movimento nasceu logo em seguida ao Concílio Vaticano II, antes mesmo do «trânsito» religioso. O estilo e a metodologia da Renovação Carismática Católica (RCC), por ser de linha mais conservadora impõe um ritmo mais proselitista e anti-ecumênico dentro da Igreja Católica e por isso mesmo gerará uma tensão entre os movimentos sociais, as CEBs e as assim chamadas “Novas Comunidades e grupos Carismáticos da Igreja”²⁹. A tensão se deve às linhas de ação e metodologia de trabalho muito diferentes uns dos outros. A missão da RCC é clara e objetiva:

Fazer discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo, evangelizando o povo de Deus no Brasil, a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo. A sua visão organizativa é consolidar em todo o território brasileiro, a Renovação Carismática Católica na condição de Movimento Eclesial ardoroso, organizado, unido e missionário, que manifesta o rosto e a memória de Pentecostes, tanto em comunidade quanto na pessoa de cada um dos seus membros em todos os ambientes onde se encontrarem³⁰.

Pedro Ribeiro chama a atenção para o «primado da experiência» no que toca ao campo religioso atual, ou seja, a experiência que vivenciamos hoje nos leva ao individualismo e ao hedonismo, em detrimento do comunitário, gerando um trânsito religioso na busca de sentir, experimentar, e individualmente escolher a experiência religiosa que mais toca, ou que mais faz sentir bem, de acordo com as exigências de uma sociedade que a todo instante promete o bem-estar social e agora também o religioso. O mesmo autor afirma também que, muitos fiéis abandonam as formas institucionais da religião, sem hierarquia, sem preceitos, sem normas, e sem verdades estabelecidas. Se pensamos nos jovens e na realidade forte das novas comunidades é o que encontramos na Igreja

²⁷ J.C. PEREIRA, «Censo anual da Igreja Católica no Brasil» [Acessado: 29/10/16].

²⁸ ALBERTO, C. - TONIOL, R., «O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010» [Acessado:02/05/17].

²⁹ E. VALE, «Dossiê de religiões no Brasil» [Acessado: 01/12/16].

³⁰ M.D. UGOSKI, «História da RCC» [Acessado: 01/12/16].

hoje. Esta nova realidade nos porta a uma outra que vem se desenvolvendo nos últimos 30 anos: o nascimento das Novas Comunidades Católicas de Vida e Aliança. No Brasil, neste momento, são mais de 800 Novas Comunidades nas quais jovens, homens e mulheres se consagram e fazem seus votos de aliança (casais). Cada comunidade, tem seu fundador, normas, missão, espaço físico e formação ligadas à inspiração pentecostal da RCC:

As comunidades novas baseiam-se em novas inspirações adaptadas dos institutos de Vida Consagrada da Igreja Católica, tendo como grande diferencial a Vida Comunitária formada por Sacerdotes e leigos, homens e mulheres em uma mesma Comunidade devidamente dividida, mas, trabalhando juntos em prol da evangelização ou promoção da dignidade humana. Tais formas de vida comunitária em vista da Evangelização, existem desde o fim do século XX, se expandindo pelo mundo todo em diversas novas comunidades, e ainda hoje aguardam um futuro enquadramento canônico enquanto são muito bem vistos pela hierarquia católica, sob a qual existem em esforçado serviço e auxílio. É formada por leigos e padres engajados como um passo a mais em seus engajados projetos de evangelização diocesanos, oriundos comumente da Renovação Carismática Católica³¹.

Além de ser um simples recurso por parte de um grupo com a finalidade de resgatar pessoas para a Igreja e estancar o trânsito religioso, a RCC tornou-se uma realidade bastante misturada na base da Igreja Católica em cada diocese, comunidade, paróquia ou movimento. Ela tem características parecidas com as CEBs: o protagonismo dos leigos e a centralidade na Palavra de Deus. Porém, a forma de viver a experiência de fé da RCC nos revela uma relação íntima com o momento que vivemos de secularização; é o que diz João Fernandes, quando afirma que de fato, este movimento renova e rejuvenesce a Igreja, porém, ao mesmo tempo: *«os fieis assimilam o individualismo religioso pós-moderno e o desejo de fazer valer a sua subjetividade»*³² ou seja, não está muito preocupado em viver em uma comunidade paroquial seguindo normas e uma estrutura que não seja a do movimento em si, inclusive a relação com a hierarquia é boa, mas só quando há um apoio ao seu grupo e modo de ser.

Este direcionamento sócio-ecclesial nos leva a viver a partir de uma nova forma de relação com o sagrado, ou seja, há o aparecimento de uma nova identidade religiosa *«essa identidade religiosa é determinante no esvaziamento de expressões religiosas orientadas por discursos teológicos mais rígidos e formais, que não privilegiam o caráter espontâneo, místico e celebrativo»*³³. Sendo assim, presenciamos o abandono da estrutura e da instituição dentro da própria instituição católica, gerando um «trânsito» dentro da própria Igreja. Pois muitos mudam de paróquia, de grupo e de movimento, de acordo com o sentimento pessoal, ou do líder do momento ou do “produto” que se oferece, especialmente com a introdução dos Meios de Comunicação Social na evangelização por parte das igrejas cristãs.

³¹ WIKIPÉDIA, «Comunidades Novos Dias» [Acesso: 03/12/16].

³² J.F. REINERT, «O Contexto sociocultural e religioso» [Acessado no dia 31/10/16].

³³ C.O. RIBEIRO, «Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo» [Acessado: 07/11/16].

4. Os Meios de Comunicação e a Religião no Brasil

Um elemento que muito influencia na evangelização e que carrega consigo um peso muito importante na sociedade brasileira é a Comunicação Social. Um exemplo é o crescimento das TVs Católicas voltadas ao tema da evangelização, cultura, arte e lazer. Pedro Rubens dirá que há um deslocamento na topografia religiosa com o elemento das igrejas novas que “chegaram para ficar”. Ao mesmo tempo, o espaço público, praças, ruas, parques, estádios de futebol, ginásios esportivos, TV, internet etc., antes ocupado pela Igreja Católica, passa a ser ocupado pelas igrejas novas; embora ainda exista na sociedade a influência de muitos elementos católicos, como por exemplo, os feriados de Semana Santa e dias santos, como *Corpus Christi*, Nossa Senhora Aparecida e finados; nas cidades do interior, em sua grande maioria, ainda há feriados no dia do padroeiro. No espaço público ainda existe, costumeiramente, manifestações religiosas, católicas ou evangélicas, gigantes com mais de 2 milhões de pessoas³⁴.

A Igreja Católica se vê obrigada a ocupar novos espaços, por exemplo: as TVs nacionais e locais. Nacional: TV Canção Nova, TV Aparecida, Rede Vida de Televisão, TV Século XXI. Locais: TV Aparecida, TV Horizonte, TV Evangelizar, TV Terceiro Milênio, TV Imaculada Conceição. Este é um movimento simbólico que diz a todos nós onde houve sim uma reação em direção à uma nova forma de evangelizar. Porém, nem sempre a linguagem é nova, uma vez que o estilo da TV Católica é bastante semelhante ao estilo e linguagem evangélica pentecostal. Se as igrejas novas saíram às ruas, a Igreja Católica migrou para a TV. Este deslocamento no espaço e no tempo da evangelização, surtiu os seus efeitos para ambos grupos. Este número e presença nos meios de comunicação por parte da Igreja Católica cresce com a Rede Católica de Rádios, que chega ao povo através de sete grandes bases geradoras de transmissão: Rede Aparecida/SP; Rede Canção Nova/ SP; Rede Milícia Sat/SP; Rede Sul de Rádio/RS; Rede Scalabriniana/RS; Rede Evangelizar é Preciso/PR; RCR/ES. Um grande número de TVs e rádios estão presentes de forma amadora e semiprofissional através da web Rádios e web TVs. Este crescimento se dá, de modo especial, junto com o crescimento dos grupos da RCC que em sua grande maioria estão presentes nas mídias. Todo este serviço midiático, vem suportado e impulsionado pelo surgimento dos “padres cantores”. No ano de 1998, o Padre Marcelo Rossi vendeu 3.328.468 de discos, tornando-se o artista que mais vendeu no Brasil em todos os tempos. Sendo também recordista em venda de livros.

As mídias e a religião possuem uma relação muito estreita no Brasil e ao mesmo tempo gera uma tensão que é própria deste tempo de cristianismo líquido ou adaptável à medida de cada um. A tensão está no fato de que as mídias chegam às pessoas e falam diretamente lá aonde elas estão nos momentos de sofrimento ou solidão, estejam trabalhando ou viajando horas e horas a fio nos transportes públicos. Elas apresentam soluções para os problemas mais complexos da vida de cada um e de modo muito simples. Desse modo, o fiel se sente interpelado e sem necessidade objetiva de ser parte de

³⁴ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 147.

uma comunidade ou de um grupo, uma instituição; basta crer e acolher aquela palavra, ou imagem. Entretanto, é exatamente neste tempo, quando as pessoas não querem uma relação direta com uma comunidade concreta, com nome e compromissos, que, no Brasil contemplamos o fenômeno da construção dos grandes templos religiosos, sejam protestantes, sejam católicos. Neste caso, as mídias são o grande e principal instrumento de arrecadação de recursos e de fiéis para os novos templos.

5. TVs Evangélicas

Alguns canais de seguimento evangélico possuem um grande impacto nos fiéis. No quadro abaixo reportamos os canais propriamente evangélicos. Porém, há muitos programas emitidos nas TVs abertas de grande alcance em todo o Brasil especialmente no horário da madrugada que possui grande número de telespectadores. Como é o caso dos programas e cultos da Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus: AtalaiaNET, Boas Novas, Novo Tempo, RIT, Rede Super. Além deste fenômeno, no Brasil muitas redes comerciais de TV alugam seus horários para Igrejas Evangélicas que arrecadam mais de 1 bilhão de reais anuais com estes programas. Vejamos a seguir, as principais redes de TV confessionais no Brasil e também podemos conferir o rendimento de cada uma:

Record	IURD (Igreja Universal do Reino de Deus)	250 milhões de reais/ano
Band	Igreja da Graça	102 milhões de reais/ano
Rede TV	Assembleia de Deus, Vitória em Cristo, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e outras.	168 milhões de reais/ano
Rede 21 ³⁵	IURD	120 milhões de reais/ano
CNT	IURD	60 milhões de reais/ano

Fonte: Produção pessoal com base em diferentes sites de cada templo.

A comunicação nos seguimentos das várias religiões do Brasil é um elemento chave. Se não está na TV não existe. A TV adquiriu um papel importantíssimo na “evangelização” do país, gerando e fortalecendo este trânsito pelas várias denominações e ao mesmo tempo colaborando para a liquidez da mensagem do Evangelho, uma vez que, através da TV, todas as mensagens estão em pé de igualdade, desde o charlatanismo das neopentecostais aos programas da TV católica que trazem temas formativos, como por exemplo, bioética.

Sendo que, o apelo à emoção tem maior aceitação e faz mais seguidores, há uma grande luta para arrebanhar as pessoas nas diferentes classes sociais e níveis de escolaridade. Dos pobres das favelas, onde muitas vezes só a igreja evangélica está presente, dos pastores ex-trafficantes ao empresário rico que passou por alguma crise.

³⁵ A Rede21, não é a mesma Rede Século XXI, esta é católica, a primeira é evangélica.

6. Conclusão

Nesta primeira parte, na qual apresentamos a fenomenologia da realidade sócio-ecclesial brasileira, vimos o quanto a secularização no Brasil imprimiu um ritmo diferente e o quanto precisa ser estudada, uma vez que não há um descarte de Deus e do sagrado, mas que o faz ser vivido e experimentado de um outro modo. Desse modo, vimos que há uma crescente massa que migra em busca de igrejas e há um outro expressivo grupo de pessoas que as abandona quando sofre alguma frustração e decepção depois de tanto migrar em busca de resolução para os seus problemas.

Por outro lado, há uma multidão que, mesmo neste contexto secularizado, resiste e mantém firme a sua busca pela religião e por Deus. Este fenômeno diz respeito também à Igreja Católica, que contra tudo e contra todos, continua influente e majoritária no Brasil e até mesmo na sociedade.

A desconstrução gradual do simbólico religioso institucional feita pelo modernismo e pós-modernismo foi dando espaço à outras expressões no Brasil de uma religião mais *light* e menos institucionalizada. A prova disto é que no Brasil em 2013, foram abertas 12 igrejas por dia³⁶ ou seja, a cada duas horas era aberta uma igreja diferente segundo o IBPT (Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário)³⁷, porém, estas são as que foram registradas oficialmente. Este número pode chegar a 14 mil por ano de acordo com o Jornal Correio Brasiliense e em sua grande quantidade são neopentecostais³⁸, se bem é verdade que a grande maioria não se mantém aberta nem sequer por um ano.

Os números que apresentamos nesta parte da nossa pesquisa nos mostram um fenômeno que se distancia da realidade europeia, por exemplo. Por outro lado, nos faz questionar como o secularismo ou a pós-modernidade nos desafiam a ajudar as pessoas a que busquem sinceramente a Deus. Os números que vimos nos alertam para uma mudança estrutural? Cultural? Religiosa? O que dizer se podemos considerar que quase 90% da população brasileira se declara crente? (a pesar da denominação e da igreja) Quais os passos e caminhos a tomar?

³⁶ Este dado atualizado pelo Jornal o Globo, afirma que o número de criação de Pessoa Jurídica para instituições religiosas, chega a 20 por dia. Ao mesmo tempo que isto contrasta com a secularização que gera indiferença para com a instituição religiosa, afirma a secularização, uma vez que o número é exorbitante e reforma mais e mais a liquidez em que se encontra a realidade religiosa no Brasil neste momento [Acessado: 27/03/17].

³⁷ D. MARTINS, «Levantamento revela que nasce uma igreja a cada duas horas» [Acesso: 13/12/16].

³⁸ J. ARAGÃO, «Evangélicos abrem 14 mil igrejas por ano no Brasil» [Acesso: 13/12/16].

II. Uma igreja pragmática, em crise de identidade, esvaziada de espiritualidade

Visitar os últimos documentos da CNBB e do CELAM nos proporciona uma experiência de redescoberta daquilo que é o essencial da fé cristã: encontrar, experimentar e contemplar a Cristo, sua vida e o Reino do Pai. Especificamente as três últimas Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, mostram que os bispos estão cientes do que acontece na sociedade e por consequência na Igreja mesma.

Os três documentos citados são de grande inspiração, pois eles nos ajudam a interpretar a realidade sócio-eclesial brasileira.

De um modo mais amplo, nos inspira e ajuda o Documento de Aparecida da V Conferência Episcopal Latino Americana e do Caribe. O texto é um grande convite a devolver Cristo ao seu devido lugar: o centro da vida, da Igreja, da fé cristã e da evangelização. O convite a sair, recuperar a dinâmica pastoral e de fé comunitária ou pessoal, a partir da experiência profunda com Cristo e fugir de um modelo de Igreja voltada para uma prática estéril.

O Documento de Aparecida, é um impulso a renovar a postura da Igreja em relação ao mundo e a si mesma, ao mesmo tempo, possui um fio que liga ao Vaticano II e às demais conferências pós-conciliares, fazendo assim um caminho seguro por onde deve andar o povo de Deus a fim de continuar a responder de forma criativa e fiel ao chamado do Senhor que continua valendo hoje.

1. As raízes de uma fé cristã débil

Desde a chegada da fé cristã na Terra de Santa Cruz³⁹, a primeira missa, figura na mente de muitos cristãos católicos e historiadores. Foi um marco de fé trazido das terras lusitanas, fruto da experiência de um império católico que vivia do seu modo um catolicismo mais com o rosto do imperador que do catolicismo oficial papal.

O catolicismo tradicional é descrito em cinco características distintas, mas profundamente convergentes e complementares. O catolicismo tradicional brasileiro é, antes de tudo, uma «importação» de Portugal: é um catolicismo luso-brasileiro. Não só o catolicismo oficial, mas também, a religiosidade popular foi transplantada para o Brasil: as múltiplas devoções, o gosto pelas procissões, a tradição das romarias e a sensibilidade aos milagres. Trata-se primeiro de uma «transplantação»: a Igreja lusitana vem para a colônia. Nesse processo lento de adaptação, inscreve-se a influência ameríndia e a africana, dando nascimento a formas sincréticas⁴⁰.

Desse modo, a primeira missa se tornou um marco de fé para a nação, o Brasil cresceu e transformou-se em uma nação majoritariamente católica. Com a chegada da seculari-

³⁹ Nome dado ao Brasil no período da descoberta pelos colonizadores.

⁴⁰ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 47.

zação, esta afirmativa tem sido questionada de modo especial se perguntarmos pela qualidade do catolicismo que chegou ao Brasil e pela qualidade dele nestes séculos. Hoje, podemos afirmar que somos uma nação sincrética e com tantas raízes afro que fez do catolicismo uma religião que, por ter a maior presença da religião como instituição, a fez também a mais sincrética. Basta ver que, as religiões afrodescendentes, como a Umbanda possuía 407.331 adeptos em 2010, já o Candomblé cresceu chegando a 167.363. Já o Espiritismo kardecista, que tem outra origem, no ano de 2010 tinha 2.800 adeptos no país, segundo as estatísticas do IBGE. A religiosidade das religiões afro descendentes como a Umbanda e o Candomblé e também do espiritismo povoam a mente dos brasileiros⁴¹.

Depois de tantos anos de caminhada de fé, o Brasil católico se transforma em um país Evangélico/Protestante e a Igreja sofre a tentação de voltar ao Brasil católico dos primeiros séculos de existência. Porém, vivemos um momento de fortes mudanças especialmente diante da massa de batizados que não se identifica mais com o batismo que recebeu.

Muitos batizados migram para igrejas evangélicas de cunho pentecostal e levam consigo as suas experiências e sede por uma religião «mágica» e popular uma vez que a religião tradicional recebida por tradição familiar (Católica) com as suas liturgias, ritos e normas, já não lhes diz nada.

O teólogo jesuíta Pedro Rubens apresenta uma interessante análise da situação da fé católica nos anos de 1966 ao citar Nina Rodrigues e Thales de Azevedo, dizendo que Nina Rodrigues chegou a fazer uma afirmação de que hoje a ideia de um «Brasil católico» não passa de uma «ilusão de catequese». Pedro Rubens cita um artigo de 1969 da revista *Vozes*, quando Thales de Azevedo, dizia que tal “ilusão” persistia como uma ideologia eclesiástica e leiga. Ou seja, era uma ilusão que era sustentada, porém, totalmente longe da realidade, nos chama a atenção que esta afirmação é da década de 60. Thales de Azevedo apresentou neste mesmo artigo quatro tipos fundamentais de catolicismo:

Catolicismo *cultural ou social* (religião do berço), a que se pertence não por conversão, mas pelo fato de ter nascido em uma família católica); catolicismo *formal* (tipo de católico que tem um conhecimento doutrinal da fé cristã, que pratica os preceitos da religião e da moral); catolicismo *nominal ou tradicional* (participação restrita às festas religiosas tradicionais e às circunstâncias da vida familiar e social, tais como batizados, matrimônios e funerais); e, por fim, o catolicismo popular (elementos católicos misturados com práticas sincréticas)⁴².

Pedro Rubens chega à conclusão de que para Thales, em todas as formas de catolicismo, há um predomínio do aspecto negativo, sobretudo na forma popular. Certamente, autor reconhece, sem dificuldade, a sua positiva função terapêutica, mas não sem manifestar uma conotação estereotipada da religião. Finalmente, as múltiplas formas de catolicismo brasileiro, são por ele consideradas, «deformações», que o leva a concluir que o Brasil não é um país verdadeiramente católico⁴³. Com esta conclusão, Pedro Rubens afirma que se analisarmos os elementos do catolicismo popular, veremos que não existe um

⁴¹ R. Mariano, «Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010» [acessado: 02/05/17].

⁴² Cfr. P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 45.

⁴³ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 45.

«verdadeiro» catolicismo no Brasil: trata-se de uma religião popular sincrética sob um revestimento católico. Assim, de um modo ou de outro, a afirmação do catolicismo no Brasil é contestada tanto pelos não católicos como pelos guardiões da ortodoxia. Nesta linha, pode-se indagar: até onde o país mais católico do mundo é realmente católico?⁴⁴.

2. A CNBB e suas intuições proféticas

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil reunida em assembleia anual a fim de aplicar o Documento de Aparecida para a realidade brasileira, reforça este convite à centralidade de Cristo quando afirma no Documento 95 que,

Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d'Ele, mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária. Nisto se manifesta nosso discipulado missionário: contemplamos Jesus Cristo presente e atuante em meio à realidade, à Sua luz a compreendemos e com ela nos relacionamos no firme desejo de que nosso olhar, ser e agir, sejam reflexos do seguimento, cada vez mais fiel, ao Senhor Jesus. Não há, pois, como executar planejamentos pastorais sem antes pararmos e nos colocarmos diante de Jesus Cristo. Em atitude orante, contemplativa, fraterna e servidora, somos convocados a responder, antes de tudo, a nós mesmos: quem é Jesus Cristo? (cf. Mc 8,27-29). O que significa acolhê-lo, segui-lo e anunciá-lo? O que há em Jesus Cristo que desperta nosso fascínio, faz arder nosso coração (cf. Lc 24,32), leva-nos a tudo deixar (cf. Lc 5,8-11) e mesmo diante das nossas limitações e vicissitudes, afirmar um incondicional amor a Ele (cf. Jo 21,9-17)? A paixão por Jesus Cristo leva ao arrependimento, à contrição (cf. Lc 24,47; cf. At 2,36ss) e à verdadeira conversão pessoal e pastoral. Por isso, devemos sempre nos perguntar: estamos convencidos de que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida? O que significa para nós, hoje, o Reino de Deus por Ele instaurado e comunicado?⁴⁵

A realidade brasileira que vimos na primeira parte é o grande pano de fundo daquilo que os bispos e seus assessores pensaram e escreveram neste documento 95. Conscientes da realidade sócio e eclesial brasileira, eles apontam o caminho fundamental para uma mudança real na presença da Igreja espalhada em todo o país «*Toda a ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai*», esta clareza nos faz ver que a CNBB aponta também um caminho a seguir e pontos concretos a aplicar em cada pastoral, comunidade e em cada pessoa. Ou seja, não podemos desfocar o verdadeiro sentido da nossa missão que é Jesus Cristo mesmo. Ele é a «razão de ser, a origem de nosso agir» qualquer coisa fora deste objetivo significa sair do projeto de Cristo para o seu povo reunido em Igreja.

⁴⁴ P. RUBENS, *O Rosto Plural da Fé*, 46.

⁴⁵ CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil* (2008-2010).

2.1. Documento 87: Diretrizes da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil (2008-2010)

Objetivo geral: Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, «para que todos tenham Vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10). É interessante perceber que, logo na introdução do documento, encontramos esta afirmação: «No espírito do grande evento de graça da Conferência de Aparecida, apresentamos estas Diretrizes, a fim de que a Igreja no Brasil viva uma forte comoção e experimente a alegria de ser discípula missionária, para que nossos povos em Cristo tenham Vidas»⁴⁶.

2.2. Documento 94: Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja (2011-2015)

Objetivo Geral: Evangelizar a partir de Jesus Cristo e na força do *Espírito Santo*, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos *pobres*, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.

2.3. Documento 102: Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja (2015-2019)⁴⁷

Os Bispos reunidos, decidiram manter a mesma estrutura das Diretrizes anteriores dando ênfase e atualizando-a a partir do magistério do Papa Francisco.

2.4. Documento 100: Comunidade de Comunidades – Uma nova Paróquia – A conversão da Paróquia – 2014⁴⁸

Este documento, especificamente, é um novo modo de entender a paróquia a partir do Documento de Aparecida, fala em conversão pastoral, revisão das estruturas das paróquias e apresenta proposições pastorais - como ser verdadeiramente comunidades fraternas, fala da sua organização, da importância da oração e da iniciação à vida cristã, da vocação e da abertura ecumênica e dos ministérios dos leigos.

2.5. Palavras que se repetem nos Documentos eclesiais brasileiros citados

A clareza do apelo destes documentos é um instrumento para um grande exame de consciência eclesial sobre como estamos vivendo a fé e como a estamos comunicando. Sendo assim, fica claro qual foi o caminho que tomamos, fruto do tempo em que vivemos e das influências que sofremos, afinal, nós também somos construtores de cultura, e ela mesma nos afeta e nos condiciona.

⁴⁶ CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil* (2008-2010).

⁴⁷ CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja* (2015-2019).

⁴⁸ Cfr. CNBB, *Comunidade de Comunidades* [Acesso: 19/01/17].

	Doc 87	Doc 94	Doc 102
Missão / missionários	120	220	131
Pastoral	75	68	52
Discípulo/ado	73	88	42
Formação	66	39	34
Social	50	20	25
Pobre	22	17	15
Transformação	11	5	19
Espiritualidade	11	3	1
Ecumenismo	10	4	4
Libertação	4	0	0
Mística	1	0	0

Fonte: Produção pessoal a partir dos Documentos da CNBB: Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja 87, (2008-2010); Diretrizes da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil 94, (2011-2015); Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja 102, (2015-2019).

O caminho que a Evangelização tomou no Brasil, de certa forma, se distancia de algumas palavras chaves como “pobres” e “libertação” e, outras palavras fundamentais quase não existem tais como “mística” e “espiritualidade”. A ênfase destes anos esteve sempre no tema da missão, pastoral e social, conforme nos mostra o quadro anterior.

Nos últimos oito anos, a Igreja do Brasil abraçou um projeto de Igreja que quer compreender-se como uma alegre discípula de Cristo:

A alegria de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo como fruto de um encontro com Ele: «neste encontro com Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do Evangelho. Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, salvador do mundo... A alegria do discípulo é antídoto frente a um mundo atemorizado pelo futuro e oprimido pela violência e pelo ódio. A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova de Deus. Conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria»⁴⁹.

O Documento de Aparecida é o grande pano de fundo das Diretrizes dos últimos anos e está profundamente ligado às opções feitas pelo Concílio Vaticano II. Quando a CNBB apresenta estas diretrizes gerais, ela oferece um caminho com pontos muito interessantes, renovadores e avançados. Porém, faltam alguns elementos que são de fundamental importância para a vida centrada em Cristo. Um primeiro ponto é que alguns temas caros à Igreja no Brasil, como, “pobre” e “libertação” e vimos isso no quadro acima, cada dia ficam mais debilitados. Estes termos estão carregados, por um lado, de ideologias e por outro, de preconceitos para com a Igreja de cunho mais político da libertação, com isso, estas palavras deixaram de significar um «jeito novo de ser Igreja»

⁴⁹ CELAM, *Documento de Aparecida*, nn. 28. 29.

e passaram a ser, pouco a pouco, esquecidas e omitidas. Assim, na Nova Evangelização já não é mais necessário citá-las, uma vez que agora as mais comuns são (embora não estejam nos documentos oficiais): unção, Espírito Santo, milagres. Um segundo ponto esquecido é a apresentação de um método para a vida do povo de Deus no qual se mostre o caminho de unidade e centralidade em Cristo; fala-se da necessidade desta centralidade, mas não se oferece meios práticos para centrar a vida em Cristo.

3. Interpretação das Diretrizes (2008 – 2019)

A realidade sócio-eclesial brasileira influencia até certo ponto na elaboração dos documentos eclesiais, particularmente, no que diz respeito ao fato de se encarar a realidade na qual estamos inseridos; tanto é assim que se cria uma certa tensão na vida prática da Igreja. As Diretrizes buscam ser documentos que animam e impulsionam a vida das dioceses, paróquias, pastorais e movimentos a exercerem sua vocação de batizados. Este impulso fica nítido nas palavras mais utilizadas nestes anos: Missão e Missionários, Pastoral, Discípulo ou Discipulado, Formação, Transformação e Social. O prefácio do Documento 85 diz: «*Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos missionários, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, “para que todos tenham Vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)*»⁵⁰.

O cunho missionário, pastoral e social está presente de forma clara. Podemos até afirmar que não há nenhuma quebra nas opções feitas pela hierarquia na caminhada da Igreja dos anos 70 e 80 para com as linhas atuais. Porém, o que falta é apresentar uma metodologia, uma pedagogia que prepare o discípulo para esta missão social mais necessária que nunca.

As palavras «*transformação*» e «*social*» repetidas vezes estão juntas, assim, os documentos pedem abertamente uma transformação da sociedade, da realidade, do modo de evangelizar e por isso apostam na «*conversão pastoral*».

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé⁵¹.

A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir uma atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir «*o que o Espírito está dizendo às Igrejas*» (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta⁵².

⁵⁰ CNBB, *Diretrizes da Ação Evangelizadora no Brasil*, 85.

⁵¹ CELAM, *Documento de Aparecida*, 365.

⁵² CELAM, *Documento de Aparecida*, 366.

Este caminho tomado pelas Diretrizes da CNBB e pelo Documento de Aparecida para uma «*conversão pastoral*», é uma retomada equilibrada ao caminho do Vaticano II e ao mesmo tempo, põe um olhar no passado, na realidade e no futuro, embora deixe de lado a profecia no sentido mais antigo do termo. A palavra “*libertação*” foi trocada pela transformação (da realidade, da sociedade, das estruturas). Porém, a ação pastoral, a conversão pastoral, o discipulado, a missão e o abandonar as ultrapassadas estruturas, não conseguem avançar.

A conversão pastoral é um convite a escutar «*o que o Espírito está dizendo às Igrejas*» (Ap 2,29) – escutar o Espírito exige sensibilidade e experiência de Deus para escutar o que Ele diz. Sem escuta não há obediência e renovação. O desafio é a escuta e, sem esta atitude, a conversão pastoral se torna adaptação da Igreja a um jeito diverso de evangelizar: vazio, sem discernimento, levado e conduzido pela emoção que se transforma assim em uma “guerra santa” entre igrejas e denominações, grupos e pastorais. De um modo geral, a grande massa que está na Igreja, mas não participa ativamente da vida dela, é um consumidor religioso de sacramento e de produtos religiosos e é o grupo que atualmente está dando o tom da evangelização, pois é exigente no mercado da fé, dado que pode mudar de igreja, mudar de produto quando desejar.

Assim, na Igreja do Brasil há uma corrida por agradar o consumidor, pois a religião é um produto do mercado. Esta atitude, foi definitiva para o esvaziamento da profecia e para o esquecimento das principais decisões das Diretrizes da CNBB e de Aparecida. Se por um lado, estes documentos optam por uma Igreja mais bem formada, discípula e missionária, que coloca Cristo no centro, por outro lado, a mesma vai aos poucos se adaptando ao apelo popular de uma Igreja de cunho mais carismático – pentecostal, com um ambiente religioso mais emocional, mais clerical, faltando espiritualidade e consciência da união com Cristo.

Quando a experiência espiritual é relativizada, também a questão dos pobres e a transformação social, passam a ser um instrumento de assistência social ou uma caridade disfarçada, como fruto da obrigação de obedecer ao apelo da Igreja hierárquica em ter um olhar para com a dimensão social. Sendo assim, a tensão a respeito dos motivos responsáveis pela pobreza, continuará ignorado e o pobre continuará cada vez mais pobre, uma vez que muitos movimentos da Igreja não apresentam nenhuma chave de leitura para a libertação ou a transformação da situação de opressão que afeta os pobres, a não ser, aceitar o “evangelho”, participar do seu grupo, sair do pecado e ir à igreja. Em sua grande maioria, estes grupos e este tipo de espiritualidade, devolve ao pobre a responsabilidade de ser e permanecer pobre e o impele a “aceitar Jesus” para mudar de vida, o que significa participar do grupo de oração, movimento, comunidade nova ou igreja. Em momento algum, há um questionamento sobre o motivo ou a causa daquela pobreza e de como libertar-se dela. Ao mesmo tempo, as Diretrizes Gerais, ignoram o desvio dos novos movimentos eclesiais que apresentam, ou um retorno ao conservadorismo ou um acentuado pentecostalismo; tudo isso tem significado um retorno ao dogmatismo em contraste com uma Igreja mais pragmática presente nos documentos.

Os pontos acima mencionados, que geram esta tensão, não constam nas Diretrizes Gerais, a sensação é a de que não querem enxergar o que de fato está acontecendo, não

querem citá-los como um problema atual e futuro. Não formamos discípulos e missionários, mas cristãos com uma vontade muito fragilizada a ponto de buscar a emoção como experiência fundamental para a sua vida.

Portanto, é uma ilusão acreditar que haja uma abertura e acolhida por parte de alguns movimentos ao magistério e sua orientação. Há uma adesão epidérmica, ou mesmo, terminológica, com a inclusão de algumas palavras bastante atuais, próprias do pontificado do Papa Francisco, no novo vocabulário das homilias e formações como: “*Igreja em saída*”, “*Igreja pobre*”, “*misericórdia*”, “*acolhida*”, “*casa comum*”.

4. Espiritualidade e Mística nas Diretrizes Gerais

A grande busca pela emoção e pela “renovação do batismo” não tem gerado no cristão uma adesão à pessoa de Jesus Cristo, mas a um conjunto de normas e regras ligado a um movimento de estilo conservador. Nas Diretrizes, as palavras “*espiritualidade*” e “*mística*” somem quase completamente. No Documento 87 “*espiritualidade*” aparece onze vezes, porém, em todas, fala apenas de uma espiritualidade missionária, ou discipular, espiritualidade de comunhão, conjugal. No documento 94 a palavra «*espiritualidade*» aparece 3 vezes: uma vez como “*espiritualidades*”, uma outra cita uma homilia de João Paulo II no Haiti, e a terceira e última vez, aparece no glossário. Sendo assim, fica nítido que a conversão pastoral e eclesial passa mais por uma acolhida de ideias do que deve ser a vida de cristão a partir das indicações dos documentos. Mas como adquirir uma postura nova, ou mesmo contemplar a Jesus e seus gestos sem uma vida mística?

Os documentos falam de uma vida de oração, contemplação do Senhor, iniciação cristã, mas não deixam claro que o fundamental na vida cristã é a relação e a adesão profunda a Cristo como fruto de uma relação e de uma transformação interior, de uma união com Ele que leva a uma postura pessoal e eclesial diversa. Consequentemente, receber o batismo católico virou um ato cultural, como um rito de passagem, que todos devem receber ou fazer, se não desejar morrer “*pagão*”. O decorrer deste caminho de fé requer uma maturidade suficiente para uma adesão pessoal a uma vida em comunidade em nome de Cristo e os sacramentos subsequentes, deveriam representar para o batizado, uma pedagogia de entrada passo a passo na vida da comunidade cristã. Mas não é isto o que acontece. À medida que o cristão avança na sua vida (idade, escola, universidade e trabalho), o caminho em direção ao Senhor e ao conhecimento íntimo Dele, se faz cada vez mais distante e com isso a relação se esvazia. A catequese inicial não é suficiente como sustento de uma vida de fé em uma sociedade profundamente desfocada e secularizada. Ela não oferece as bases suficientes para a construção de um edifício de fé cristã e se torna sem sentido e sem força, quando não totalmente ignorada.

Aparentemente e institucionalmente nos documentos algo mudou, porém, na realidade há uma distância real e clara daquilo que pensa o magistério atual em seus ensinamentos, e o acontece na vida do povo, das paróquias e dioceses: devagar tendem à política de “*deixar tudo como está*”.

5. O esvaziamento do projeto de Cristo na Nova Evangelização midiática

A partir de uma corrida pela busca de fiéis surge a grande ideia de uma Igreja midiática a fim de responder ao apelo de uma nova evangelização em uma sociedade que embora cristã, está bastante secularizada, pois vive uma experiência cristã líquida e subjetiva: líquida no sentido de que o cristianismo se transformou em um lugar de intensificação do individualismo e não da identidade de ser cristão e consequentemente de ser humano, pois não ajuda a tomar decisões que transforme o mundo segundo os critérios do Reino de Deus. O que presenciamos é uma experiência religiosa que, feita em meio à uma sociedade líquida, promove um «*eclipse do sentido de Deus, que constitui um desafio a encontrar os meios adequados para voltar a propor a perene verdade do Evangelho de Cristo*»⁵³ como afirmou o Papa Bento XVI ao falar do secularismo e da renovada evangelização. Ele também diz que,

A Igreja evangeliza sempre e nunca interrompeu o curso da evangelização. Ela celebra todos os dias o ministério eucarístico, administra os sacramentos, anuncia a palavra da vida – a Palavra de Deus – e empenha-se pela justiça e pela fraternidade. E essa evangelização produz seus frutos: dá luz e alegria, oferece um caminho de vida a tantas pessoas; e muitas outras vivem, amiúde sem que o saibam, da luz e do calor resplandecentes dessa evangelização permanente. Observamos, entretanto, preocupante processo progressivo de descristianização e de perda dos valores humanos essenciais. Grande parte da humanidade hoje não encontra mais, na evangelização permanente da Igreja, o Evangelho, ou seja, uma resposta convincente à pergunta de como viver. É por isso que buscamos [...] uma nova evangelização, capaz de se fazer compreender por este mundo⁵⁴.

Esta nova evangelização no Brasil, na maioria das vezes, é compreendida, como um criar novos meios para lotar as igrejas paroquiais. Se por um lado, abandonamos a “profecia” e a “libertação”, do outro, retomamos o esforço por conseguir uma adesão ao cristianismo de um modo mais agressivo, porém mais fútil. A programação católica na TV brasileira tornou-se uma sequência de devoções populares, tais como: terços marianos, terço da misericórdia, novena de Nossa Senhora, terço das mãos ensanguentadas de Jesus (4 vezes ao dia na mesma TV). A programação tem seus momentos altos com as missas, várias vezes ao dia. Toda a programação é recheada pelas campanhas de pedido de dinheiro para manter a programação no ar, ou para construções e reestruturações.

Necessitamos de uma nova modalidade de evangelização que supere o simples desejo de atrair fiéis e que traga consigo a capacidade de um profundo diálogo entre a Igreja e a realidade, do contrário «*querer manter a mesma modalidade de pastoral evangelizadora quando o cenário já pede outra, acaba se revelando uma solução cômoda, mas*

⁵³ «Eclipse del sentido de Dios, que constituyen un desafío a encontrar los medios adecuados para volver a proponer la perene verdad del Evangelio de Cristo»: O Teólogo espanhol José Antunes Cid, cita Bento XVI quando o Papa fala do secularismo e da renovada evangelização, no livro *Dios en la sociedad postsecular*, 51.

⁵⁴ H.-J. GAGEY, «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: O que fazer?», *Perspectiva Teológica*, 309.

enganosa e ineficaz, gerando uma crise na transmissão da fé»⁵⁵. Especialmente se não se considera a realidade secularizada em que vivemos. A renovação se torna assim um retrocesso com o desejo de retorno ao estilo imperialista dos tempos passados.

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários⁵⁶.

Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades. Não se deve esquecer que a cidade tem um âmbito multicultural⁵⁷.

A cultura cristã no Brasil está permeada de magia e respostas fáceis às perguntas para as crises que vivemos. Há uma fragilidade no modo de pensar a fé, ainda resultado de um desfalque e de uma lacuna na formação cristã oferecida pela Igreja Católica, uma vez que a grande maioria que migrou para as diversas denominações ou que permaneceu católica (mas sem uma adesão profunda a Cristo), hoje faz exigências que a religião se vê obrigada de certo modo a corresponder, como estar na TV ou Internet, construir templos confortáveis e personalismo na recepção dos sacramentos.

5.1. *As novas comunidades virtuais*

Chamo “Comunidades virtuais” aquelas que não possuem uma referencia geográfica ou fixa, como a paróquia, e também pode ser uma comunidade que existe na internet. As mídias sejam elas católicas ou evangélicas (pentecostais e neo-pentecostais), possuem como ponto comum, um desejo de evangelizar a partir do mundo virtual. Há muitas iniciativas, porém o resultado depende muito da ótica de cada seguimento religioso ou igreja.

Neste novo caminho de uso das mídias para a nova evangelização, há o perigo da descristianização do Cristianismo, ou seja, tirar Cristo do centro do anúncio e colocar um “ídolo” no lugar dele. Vale tudo na hora de experimentar a fé e o elemento mais importante nem sempre é uma verdadeira conversão e sim o proselitismo midiático. Aumenta-se a comunidade virtual em detrimento da profecia e de um anúncio do Reino mais justo, uma vez que o tema da justiça social, da opressão, da pobreza e suas causas, o sofrimento e a dor dos pobres são completamente ignorados.

⁵⁵ M.F. MIRANDA, «Em vista da Nova Evangelização», *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte 2013, 13.

⁵⁶ CELAM, *Documento de Aparecida*, n.11.

⁵⁷ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 74.

Porém, apesar de toda a difícil situação social, as TVs confessionais seguem a sua missão de anunciar o Evangelho em nome de Cristo, ainda que, em alguns momentos e situações, sem Ele.

Apontamos quatro pontos que mostram a influência da religião digital e seus elementos negativos:

Primeiro ponto: Não é que exista uma falta de confiança ou fé em Deus, mas sim uma crise espiritual e teológica; falar de Cristo e do Evangelho é visto como um modo antigo de pregar e viver a fé. O importante é experimentar, aqui e agora, a força de Deus e conseguir um milagre. Do contrário, o fiel muda de religião ou de denominação.

Segundo ponto: As comunidades virtuais ficam sem relação entre si, e sem implicações entre batizados. Elas surgem como um novo elemento a ser estudado e aprofundado. A força da TV Católica e Evangélica proporciona o fenômeno da paróquia (ou comunidade) virtual, um fenômeno de cunho bastante pós-moderno. A oração é feita em casa ou através da relação e interação que tenho com aquele sacerdote ou pastor específico, a quem busco na sua paróquia ou templo ou sigo na TV, internet e redes sociais. Sem pastorais, dízi-mo, cobranças, reuniões e formação, recebo tudo em casa, seleciono o programa que mais me interessa e assisto como telespectador, ali mesmo no conforto do lar. Este fenômeno é assustador, pois não é difícil encontrar pessoas com copo de água sobre a TV ou sobre a mesa, esperando a bênção do padre, como também, não é difícil encontrar pessoas de joelhos em suas casas fazendo a sua comunhão espiritual na hora da consagração das espécies do pão e do vinho na missa emitida pela TV. A dimensão sacramental como elo com uma comunidade concreta, real, geográfica, desaparece por completo, ao mesmo tempo é relativizada a força da ideia de pastor, do pai, do presbítero, uma vez que ele se torna como um guru, um guia espiritual, alguém que tem poderes especiais, capaz de fazer-se mediação poderosa, taumatúrgica e encantada.

Terceiro ponto: O Evangelho ficou vazio, a Bíblia já não tem a mesma importância como tinha no início do movimento carismático, o que conta é a boa oratória do pregador. Há uma confusão entre mediações simbólicas e o Mediador! As vestes e os símbolos litúrgicos são de grande importância para o imaginário popular. O símbolo, em sua grande maioria, é católico, mas também encontramos novidades tais como: a vassoura abençoada, o tijolo, a manto sagrado, o bambu abençoado, etc. Na Igreja Católica, enfrentamos o problema de uma devoção desproporcionada aos santos em detrimento da pessoa de Jesus; e nas novas igrejas, a foto do “bispo”, apóstolo ou pastor é colocada na frente da denominação da igreja. Quando a mediação toma o lugar do Mediador, significa que há uma confusão na forma como o anúncio atinge os fiéis.

Quarto ponto: A dimensão teológica da fé também é esvaziada. Assim, conceitos tais como: aliança, graça, encarnação, salvação, mistério, entrega, paixão, serviço e vida eterna são todos trocados por uma busca veloz de sentir Deus. Esse modo de busca pelo sagrado profana o próprio Deus, uma vez que existe uma espécie de infidelidade por parte de quem o busca, uma necessidade do “já”, sem esperar pelo “ainda não”. Assim, toda a dimensão escatológica e misteriosa da experiência cristã fica desgastada, mas não por uma indiferença para com a religião, Deus e a fé, como vemos acontecer na Europa. Ao parecer, nos tempos atuais há uma possível «reconciliação “laica” com a transcendên-

cia»⁵⁸, uma vez que no Brasil, a dimensão transcendente está sendo invertida e transformada em relação imanente com o sagrado. Muitos crêem no Deus Cristão, porém, esperam que Ele interfira nas suas vidas para melhorar a sua situação. Não se interessam pela depois da morte, o pensamento é de que há uma necessidade da vida eterna agora, simbolizada no bem-estar e ausência de sofrimento.

O mercado da fé apresenta a religião em si, como o fim último, levando as pessoas a buscarem a realização de seus sonhos e desejos aqui e agora. Estes desejos, serão realizados se eu fizer o compromisso de trocar o que tenho financeiramente pelo que Deus poderá me dar amanhã. O esgotamento da fé escatológica e da fé como abertura ao mundo transcendental está em perigo, uma vez que está profundamente manipulado, gerando uma grande indiferença por parte da grande massa frustrada pelo fracasso da experiência religiosa e inclusive fazendo brotar inúmeros processos na justiça por se sentirem traídos e enganados pelos seus pastores:

“Vá determinado a colocar a sua vida no altar! É tudo ou nada!

Ó Deus, se tu existes eu preciso de uma prova. Ou é ou não é...

Com Deus é assim que funciona.

Se você ficar no Ó Senhor, Aleluia - não adianta nada, isto não vai resolver nada. Se tu és verdadeiro eu quero saber.

Por isso se prepare desde hoje, vá a igreja, lá no altar entregue tudo (aqui ele fala de dinheiro e bens) e se no outro dia a sua vida não tiver mudado depois deste pacto desta noite, eu duvido que você volte para casa ou desça do altar com a mesma vida, é um toma lá, dá cá.

Hoje a noite em qualquer igreja Universal vá lá e faça o seu compromisso. Se você não toma atitude nada vai mudar.

Se o Senhor existe eu quero ver!

Se você está pensando no suicídio, espere só um pouquinho, suba no altar e coloque sua vida no altar, depois do seu sacrifício você faz o que você quiser com a sua vida.

Mas se você fizer seu sacrifício com confiança, Deus vai recompensar você e a sua vida vai mudar”⁵⁹.

5.2. O Catolicismo pós-cristão brasileiro

O mundo encantado da religião, repleto de símbolos, devoções, anjos, demônios e poderes ocultos, citado por Charles Taylor para categorizar a fé no período medieval, reaparece neste novo modelo de ser crente, porém, com elementos típicos de uma prática religiosa própria desta sociedade pós-moderna ou líquida como nos diz Zygmunt Bauman. A secularização brasileira oferece uma religião ou espiritualidade desprovida

⁵⁸ «riconciliazione “laica” con la trascendenza»: R. ZAS FRIZ DE COL, «La silenziosa rivoluzione antiescatologica», *La Civiltà Cattolica*, 3937 (2014/3) 35.

⁵⁹ Transcrição de um discurso de vídeo registrado no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=WF-TuLM6QhA> [Acessado: 02/05/17], no qual, o pastor fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo incentiva os seus fiéis a fazerem um sacrifício, um desafio decisivo para a vida de cada um. Interessante é perceber que em momento algum ele fala em salvação, em redenção, em paixão de Cristo, em conversão. Fala em determinação, compromisso com Deus, mas no sentido de troca, negociação, para “já” e não para depois na morte ou vida eterna.

de escatologia. Quando olhamos o passado no que diz respeito à devoção popular e à piedade popular, veremos que estas traziam consigo a esperança de dias melhores para a outra vida⁶⁰. Na crença popular de hoje funciona o contrário, há um desejo do imediato. Peter Berger quando reflete sobre a religião e a secularização, vai falar da grande indiferença por parte das pessoas para com a religião, coisa que no Brasil ainda não seria possível afirmar, pois mesmo quem é ateu confesso, sofre a influência da religião, ela influi e muito na vida do brasileiro e da política nacional.

A secularização planteou uma situação totalmente nova ao homem moderno. Provavelmente pela primeira vez na história, as legitimações religiosas do mundo, perdeu a sua plausibilidade não só para uns poucos intelectuais e outro indivíduos marginais, senão para as massas de sociedades inteiras. Este era o princípio de uma aguda crise não só para a nomeação de grandes instituições sociais, senão também para a das biografias individuais. Em outras palavras, surgiu um problema de «significativade», não só para instituições como o Estado, ou a economia, senão inclusive para as rotinas ordinárias da vida cotidiana⁶¹.

De algum modo a espiritualidade sem religião, típica da Europa, é também uma realidade no Brasil, mas como vemos, a Religião sem espiritualidade, sem transformação pessoal e sem Cristo é uma realidade muito mais forte e desconcertante a ponto de desacreditar o cristianismo em si mesmo. Diante da dor, do sofrimento e da busca de alívio, o fiel aceita e busca qualquer meio que o leve a uma experiência de fé que termine em um milagre ou cura, Peter Berger vai chamar de masoquismo esta postura diante da experiência de busca de respostas sagradas na religião:

O indivíduo que sofre por uma enfermidade dolorosa, ou mesmo por uma opressão ou a exploração de que outros lhe fazem objeto deseja o alívio dessas desgraças. Porém deseja saber o porque estas desgraças, lhes aconteceu a ele precisamente. Se uma teodicéia responde, de qualquer maneira, porém com sentido a esta pergunta, significa um alívio muito importante para o indivíduo que sofre, inclusive se a resposta não leva consigo nenhuma promessa implícita de que o possível resultado do sofrimento seja a felicidade neste mundo ou no outro⁶².

⁶⁰ «En la piedad popular fue a menudo mitigada por la esperanza de una compensación en el otro mundo»: P. BERGER, *Para una Teoría Sociológica de la Religión*, 115.

⁶¹ «la secularización planteó una situación totalmente nueva al hombre moderno. Probablemente por primera vez en la historia, las legitimaciones religiosas del mundo han perdido su plausibilidad no sólo para unos pocos intelectuales y otros individuos marginales, sino para las masas de sociedades enteras. Esto era el principio de una aguda crisis no sólo para la nominación de grandes instituciones sociales, sino también para la de las biografías individuales. En otras palabras, ha surgido un problema de «significatividad», no sólo para instituciones como el Estado, o la economía, sino incluso para las rutinas ordinarias de la vida cotidiana»: P. BERGER, *Para una Teoría Sociológica de la Religión*, 180.

⁶² «El individuo que sufre por una enfermedad dolorosa, o bien por la opresión o la explotación de que otros le hacen objeto desea el alivio de esas desgracias por supuesto. Pero desea asimismo saber por qué estas desgracias le han tenido que suceder a él y precisamente a él. Si una teodicea responde, de cualquier manera, pero con sentido a esta pregunta, significa un alivio muy importante para el individuo que sufre, incluso si la respuesta no lleva consigo ninguna promesa implícita de que el posible resultado de su sufrimiento sea la felicidad en este mundo o en el otro»: P. BERGER, *Para una Teoría Sociológica de la Religión*, 90.

A religião como produto no mercado da fé oferecido nas telas das TVs brasileiras é consequência do momento histórico que vivemos caracterizado por uma grande e grave crise de confiança nas instituições como família, igreja, política, etc. A resposta mais fácil e veloz aparece como a tábua de salvação para um ser humano profundamente quebrado e disperso.

6. A Frágil identidade cristã do Católico no Brasil

Quando falamos aqui de fragilização da fé cristã católica, de modo algum estamos pensando em propor um projeto de fortificação do modelo cristão católico, pois,

O pluralismo cultural religioso de hoje, desautoriza de antemão qualquer sonho de um cristianismo de configuração única e monolítica. Devemos reaprender a conviver com a diversidade, como aconteceu no primeiro milênio do próprio cristianismo, antes da centralização e da uniformização efetuada no século seguinte por razões históricas bem determinadas⁶³.

Ainda que o projeto, muitas vezes fundamentalista, de algumas redes de TV e dos movimentos católicos pentecostais seja o de uma re-catolicização da face do Brasil como há 100 anos atrás, o fim deste tipo de nova evangelização é a produção de um cristianismo que tem como meta agradar ao cliente/fiel, pois apresenta a cada um deles um caminho de consumismo e de individualismo que faz com que cada um esqueça a dimensão central do seu batismo que é a de viver como um cristão no mundo, inserido na realidade para transformá-la. À medida que os movimentos, Igrejas e comunidades, fazem um verdadeiro «Outlet» da fé, a ansiedade de consumir uma experiência e não fazê-la, experimentá-la ou mesmo saboreá-la, faz com que cada fiel, seja um buscador inveterado de si mesmo.

Se trata do ser humano que busca um sentido para a vida, um modo de compreender a sua própria existência e ao mesmo tempo um lugar aonde possa ser acolhido e compreendido desde a sua mais singela realidade. Porém, esta ansiedade e o despreparo tanto das instituições religiosas, como dos fiéis, transformam esta busca em uma saga alucinante que rechaça que Deus não atenda o pedido de realização plena. Tudo é feito para obter realização, prazer e bem-estar e não de real felicidade. Como nos diz Rossano Zas Friz De Col em seu livro *Iniciação a Vida Eterna* a nova espiritualidade é secularizada: esta responde ao desejo de sentido para si mesmo, em chave de auto realização: salvar a vida significa ser salvo do sentido que se escolhe como horizonte de auto realização. Não tem um sagração com quem relacionar-se⁶⁴, esta «nova espiritualidade» é em verdade uma relação com

⁶³ Y. CONGAR, *Diversités et communion*, 1982. in M.F. MIRANDA, *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*, 273.

⁶⁴ «La «nuova spiritualità» è secolarizzata: essa risponde al bisogno di senso per il sé, in chiave di autorealizzazione. Salvare la vita significa essere salvati dal senso che si sceglie come orizzonte di autorealizzazione. Non c'è un sacro con cui rapportarsi, ma un «sacro sé»»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione Alla Vita Eterna*, 57.

um “eu sagrado” que certamente afetará a capacidade de decisão da pessoa como ser humano, e como cristão. França Miranda afirma que neste momento atual da sociedade

Há uma busca desenfreada por símbolos religiosos, provocando uma explosão anárquica do «sagrado» nas sociedades industrializadas, sem que as instituições tradicionais desse sagrado, como são as Igrejas, consigam ter o adequado controle social dos seus próprios símbolos religiosos. Estes sofrem novas leituras ao serem assumidos em outras óticas, que produzem novos sentidos, diversos ou alheios às suas próprias raízes. Tais leituras privilegiam em geral a ótica neoliberal da prosperidade e do bem-estar acima de tudo, mesmo em regiões diferentes do Primeiro e do Terceiro Mundo⁶⁵.

O caminho mais fácil é identificado com o mais seguro, é o caminho sem normas, sem o peso da instituição, sem exigências morais; com esta visão das coisas as pessoas estão dispostas a pagar/comprar com seu próprio dinheiro o produto desejado, isto é, querem “comprar a Deus” para resolver os seus problemas. França Miranda no mesmo livro, mais adiante, cita Gianni Vattimo, quando fala de uma possível mudança futura no estilo de pensar e viver o cristianismo, ou seja, poderemos ter um cristianismo mais embasado em valores cristãos mais secularizados e já assumidos na cultura atual, rejeitando, porém, qualquer instância que queira controlar as possíveis leituras do evento Jesus Cristo. Consequentemente, «a cultura ocidental, nascida no seio do cristianismo, recuperaria sua característica de universalidade, assim como o próprio cristianismo, que aí estaria como fundamento da cultura e das instituições»⁶⁶. Pensar em um Cristianismo amplo e aberto a diversas expressões julgamos ser interessante e possível. Mas o que dizer daquilo que o cristianismo vem se tornando? Quando ele mesmo em suas diversas expressões nega o que lhe é central que é a experiência pessoal e fundante na pessoa de Jesus e passa a oferecê-lo como mais um produto no mercado da religião? Pois se é mesmo esta postura consumista e capitalista que forma uma geração de conformistas «consumismo significa conformismo; conformar-se à “norma” em voga»⁶⁷ e que, o dinheiro aqui é o agente que define também o tamanho da sua fé, lhe dando uma identidade de pessoa realizada, ou seja, ela, pela sua fé/dinheiro conseguiu a atenção de Deus: «Deus é fiel», *slogan* de uma famosa igreja no Brasil!

Charles Taylor cita o livro de Will Herberg *Protestant, Catholic, and Jew*, quando fala do entrelaçamento íntimo entre religião, estilo de vida e patriotismo e afirma que «estas novas igrejas têm mais a ver com identidade social do que com Deus»⁶⁸. Não seria forçar muito afirmar que esta conclusão pode ser aplicada também à realidade sócio religiosa brasileira do momento, em que, escolher uma igreja, pode significar também uma mudança de identificação com uma classe social.

A Igreja Católica em seus documentos, não tem trabalhado este tema da identidade, pelo contrário, o seu silêncio é de algum modo um apoio da hierarquia à prática de um

⁶⁵ M.F. MIRANDA, *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*, 264.

⁶⁶ M.F. MIRANDA, *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*, 264.

⁶⁷ R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 21.

⁶⁸ C. TAYLOR, *Uma era secular*, 594.

cristianismo de cunho “pentecostal” que se mistura em todas as comunidades, que há muito deixou de ser uma presença discreta. Esta mistura hoje, forja cristãos católicos frágeis e muitos deixam a Igreja Católica em busca de mais sensações se aventurando pelas igrejas fundadas por líderes dissidentes de outras igrejas famosas, que entram na disputa pelo dízimo do fiel e também pelo seu coração e fidelidade. Sabendo que tudo é fluido, é fundamental convencer o “cliente” de que o milagre poderá ser realizado, se ele confiar e der o que possui, afinal, o líder religioso não tem a segurança de que aquele mesmo fiel retorne à sua igreja.

Impossível não lembrar de Zygmunt Bauman, citado por Rossano Zas Friz De Col, quando diz que *«a todo instante o homem é constrangido a escolher... vivendo uma situação de fato de stress constante porque vive sobre a ameaça de perder o momento que foge, de deixar fugir uma boa ocasião»*⁶⁹. As pessoas vivem de fato este stress também quando buscam uma relação com Deus. Há uma busca frenética por Deus, especialmente por parte de pessoas que vivem uma certa crise como ser humano. A questão toda está na crise de identidade, cujo o próprio Zygmunt Bauman apresenta. Portanto, consumir a fé, na realidade sócio eclesial brasileira leva a uma ansiedade e a uma corrida pelo sucesso que fragiliza o cristão, o cristianismo, a missão da Igreja e o Evangelho. A religião e a fé, são de fato um produto, a ponto de existir uma frase que sintetiza muito bem esta situação *«pequenas igrejas, grandes negócios»*. Para a grande Igreja, de fato, não é um grande negócio, uma vez que a todo instante ela sofre “desnorteada” em meio à uma crise de sentido e de como atingir as pessoas, como reiniciá-las na fé e ao mesmo tempo, fazer brotar dentro delas a identidade como ser humano, e como cristão e assim, fazê-las caminhar para fora da zona de vulnerabilidade. A busca por uma identidade cristã forte é o caminho, afinal, a *«vulnerabilidade é a palavra que melhor exprime a situação interior do homem ocidental»*⁷⁰.

A crise da identidade cristã/católica está na frágil experiência de Jesus. Longe de ser uma Pessoa, o Cristo ressuscitado é antes de tudo, um produto do imaginário coletivo, da massa desnorteada que busca a qualquer custo se apegar a um amuleto espiritual para seguir existindo. Sem esta experiência pessoal que une a Cristo e transforma a vida, o cristão é transformado em consumidor religioso que não quer mais esperar pela compensação do outro mundo, mas exige o resultado final agora, ou seja, a salvação do vazio existencial.

Desse modo, *«a religião neste novo contexto é sinônimo não de relação com um ser transcendente, mas do desenvolvimento de certas dimensões humanas que estão sendo reavaliadas pós-modernamente... é uma transcendência terrena»*⁷¹.

⁶⁹ «In ogni istante l'uomo è costretto a scegliere. Secondo Bauman, questo lo pone in una situazione di stress costante perché vive sotto la minaccia di perdere l'attimo fuggente, di lasciarsi sfuggire una buona occasione»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 27.

⁷⁰ «la parola vulnerabilità è quella che meglio esprime la situazione interiore dell'uomo occidentale»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 10.

⁷¹ «la religione in questo nuovo contesto è sinonimo non del rapporto con un essere trascendente, ma dello sviluppo di certe dimensioni umane che si stanno rivalutando post modernamente e che la critica moderna aveva represso. È una transcendenza terrena»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 56.

7. Tensão, desafio e crise na identidade eclesial

A tensão está no fato de haver uma nítida crise no modo como a Igreja, digo CNBB, presbíteros, Vida Religiosa e leigos mais comprometidos vêm, sentem e assumem a missão da Igreja no Brasil atual. A secularização é um caminho sem volta, há quem já fale em pós-secularismo, como por exemplo, Sergio Belardinelli, quando nos leva a refletir ao afirmar que há indícios de uma sociedade pós-secular, se com isto estamos afirmando «*a pouca eficácia que a secularização teve, na hora de libertar-se da religião... há muitos sinais que começamos a viver em uma sociedade pós secular*»⁷² ele também cita Pannenberg que afirma que «*a ideia angustiante segundo a qual a progressiva secularização fará da religião um fenômeno marginal e em perigo de extinção, tem de ser considerada como superada e sem fundamentos*»⁷³. Se esta afirmativa é verdadeira, posso dizer que é verdade também que até podemos estar já vivendo em tempo de pós-secularismo, mas este sem dúvida entrou na Igreja e na forma como ela vive a sua fé cristã no mundo.

Porém, a tensão consiste em como apresentar e administrar de uma forma adaptada, um projeto de Igreja que não seja apenas da hierarquia. Afinal, os documentos oficiais dizem que a Igreja deve ser discípula e missionária, porém, para muitos a ideia é encher outra vez a Igreja paroquial de fiéis para os sacramentos ou mesmo retomar o vigor e a força dos eventos públicos, ou seja, ocupar as ruas com a Bíblia em mãos. Tudo isto impulsionado pelo projeto das mídias que quase de modo geral, vai na direção contrária da inculturação, diálogo, ecumenismo e profetismo evangélico. A mídia, especialmente a TV que deveria ser um instrumento de «Nova Evangelização», veicula um catolicismo extremamente antiquado, com uma roupagem nova. Há uma tensão inclusive na formação do clero, que potencializa cada vez mais de uma forma clara e decidida a revalorização do externo, da rubrica litúrgica, em detrimento de uma «*igreja pobre para os pobres*» como sempre nos diz o Papa Francisco, com palavras e gestos.

Uma considerada parte do clero, fortifica cada vez mais no imaginário popular o padre “clericalizado” e com poderes mágicos para agir em prol do seu povo. Sendo assim, o projeto de discipulado e de missão da igreja foi transformado ou se reduz à uma adaptação, maquiagem da evangelização radicalmente proselitista, voltado profundamente para dentro de si mesma, a fim de manter os seus quadros de fiéis em alta. Para isto, basta ver a postura dos novos evangelizadores ou mesmo dos evangelizadores da era digital, que beiram em repetir erros grosseiros do passado, no desejo de reverter a sociedade secularizada, em sociedade perfeita, cristã e católica.

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim, será possível que o único

⁷² «No obstante, si al hablar de sociedad “post-secular” tratamos de subrayar simplemente la poca eficacia que la secularización ha tenido de liberarse de la religión»: S. BELARDINELLI, «¿Una sociedad postsecular?», G.R. ALBERTI, *Dios en la sociedad postsecular*, 34.

⁷³ «La idea angustiada según la cual la progresiva secularización hará de la religión un fenómeno marginal y en peligro de extinción ha de ser considerada como superada y falta de fundamentos»: S. BELARDINELLI, «¿Una sociedad postsecular?», G.R. ALBERTI, *Dios en la sociedad postsecular*, 35.

programa do evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial com novo ardor missionário, fazendo com a que Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária⁷⁴.

O mesmo Documento de Aparecida afirma que «a pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos socioculturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus»⁷⁵.

O desafio é: como fazer com que a nova evangelização seja um programa concreto de acordo com o que nos pedem os documentos? Ou estariam os documentos oficiais tão distantes da realidade de nossa sociedade e Igreja? Um exemplo bem concreto é que os próprios documentos, não ajudam a refletir e a apresentar saídas para a Igreja nas mídias. Como falei antes, a Igreja apresentada na mídia é medieval. Como ajudar na hermenêutica dos documentos e na sua aplicação quando os mesmos chegam nas bases, nos movimentos, paróquias e dioceses.

8. Conclusão

Nesta segunda parte apresentamos uma Igreja pragmática, em crise de identidade e sem espiritualidade. O grande desafio é que, ao perceber que ao mesmo tempo os cristãos necessitam da instituição Igreja, eles a deixam de lado no momento em que percebem que ela “não pode” ajudar a resolver os seus problemas: «A Igreja fez a opção pelos pobres, mas os pobres fizeram uma opção pelos neopentecostais»⁷⁶. A Igreja Católica é consciente de que vive esta tensão, este desafio e esta crise e as respostas nos documentos apontam para um caminho, mas na prática, seguem outro. Estamos longe de uma evangelização nova, inculturada, e ao mesmo tempo, que conteste os elementos básicos da secularização e apresente um caminho de redescoberta da sua própria identidade cristã que é o Cristo, apesar dos documentos e dos discursos profundamente em ordem com o Documento de Aparecida e com o pontificado de Francisco.

Sofremos uma crise de memória⁷⁷ na vida espiritual, eclesial e pastoral da sociedade cristã, seja católica ou de seguimento evangélico. Nos encontramos em meio a uma crise e a uma tensão na própria identidade do ser seguidores de Cristo, apesar da corrida pelas diversas maneiras de se relacionar com o sagrado no momento do cristianismo. Toda esta crise gerada pelos efeitos da secularização na sociedade atual, nos faz intensificar uma busca inconsistente da religião, pois, quando ela não serve mais é descartada e se parte em busca de um sentimento de segurança maior independentemente de onde

⁷⁴ CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 370.

⁷⁵ CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 367.

⁷⁶ C. A. L. Christo, «Por que fizemos opção pelos pobres (e eles pelo neopentecostalismo)?» [Acesso: 02/05/17].

⁷⁷ «La “secularization” comme crise de la mémoire religieuse»: D. HERVIEU-LÉGER, *La Religion pour Memoire*, 187.

venha, seja do simples fato de adquirir um bem de consumo, ou, apenas consumir uma nova experiência religiosa, abandonando assim, a experiência cristã como mistagogia, como um caminho de encontro, contemplação e amizade espirituais com o «*Senhor que por nós se fez homem*»⁷⁸.

III. O caminho inaciano como modelo para a espiritualidade no mundo secularizado

O caminho interior de Santo Inácio de Loyola se revela como uma possibilidade, entre outros caminhos espirituais, de levar-nos à construção de uma relação madura com Cristo, fazendo-nos experimentar interiormente que somos discípulos de Cristo no mundo secularizado. Desse modo, a vida de Inácio de Loyola, a sua espiritualidade e o seu percurso metodológico e o modo como experimentou Deus, é para nós hoje, uma oportunidade de responder aos desafios atuais. Construir este caminho interior é fundamental para o seguimento de Jesus e para tornar-se seus discípulos como fruto de uma caminhada interna e externa. A primeira é o encontro apaixonante entre o cristão e o Cristo, que o impulsiona à caminhada exterior que é a profecia quando a união com Cristo une aos pequenos e pobres deste mundo. Desse modo, nesta última parte, o ponto central é mostrar a importância deste ato de construir uma identidade que ajude o ser humano a tomar decisões permanentes e que em suas decisões esteja a profecia evangélica, afinal, viver nesta sociedade secularizada e ser cristão, pede de nós uma postura madura e decidida contra a maré que nos leva sempre para o caminho mais fácil e mais líquido.

1. Construir um caminho interior

O caminho que vai ao encontro da sociedade secularizada nos revela que podemos fazer uma experiência espiritual, porém, desprovida da religião, ou mesmo, podemos fazer uma experiência religiosa desprovida da espiritualidade. O exemplo que usamos é a experiência de um cristianismo sem Cristo, sem escatologia, sem Bíblia e sem conversão interior. Este modo de crer e de ser cristão vem sendo reforçado especialmente pela religião midiática, seja católica ou evangélica. É um tipo de religião, e/ou de fé que é o resultado de uma realidade difusa que faz que o ser humano fique ainda mais confuso, vazio e com ânsia de encontrar o sentido para sua vida.

Disfarçado pelo discurso da diversidade religiosa e da tolerância, o discurso sobre Deus se transformou em um instrumento de manipulação das consciências e dos corações; a experiência pessoal, então, passa a ser detentora da verdade absoluta, tomando o lugar dos discursos da Igreja. Assim temos um cristianismo sem norte e sem profundidade, alicerçado somente no discurso de individualização da fé e da experiência religiosa.

⁷⁸ I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 104.

O “grupo” exerce a função de dar a oportunidade e a segurança de que nele, o fiel terá a garantia de uma experiência religiosa, mas quando o grupo se desfaz, fica o vazio interior e a sensação de que ter feito uma experiência de Deus, porém, a de um deus desenraizado da vida do povo, da história da salvação e do Reino. Um deus à medida do homem pós-moderno, pequeno, raso e sem nome, sem rosto, e sem projeto, ocupado especialmente em realizar os desejos daqueles mais “iluminados” que conseguem se aproximar dele.

A insegurança que a originária fragmentação do cristianismo produziu na consciência europeia, deixa à subjetividade da fé de cada confissão a palavra definitiva, resguardando a salvação transcendental da alma. Nunca como agora, fica claro que a salvação é uma questão de fé subjetiva. A razão «leiga» e «iluminada», autônoma de cada fé religiosa e graças ao processo de secularização que se desenvolve contemporaneamente na política, na filosofia e na cultura, encontra apoio na divisão vinda no cristianismo e compromete sua própria autônoma via de compreensão unificada da realidade⁷⁹.

Esta realidade europeia não tardará em chegar completamente até nós. Alguns elementos já estão presentes na América Latina. Porém, com todas as fragilidades e questionamentos, esta experiência não deixa de ser uma vivência religiosa. A questão que coloco é: como está a pessoa que vive esta experiência? A fragilidade da pessoa humana, que busca uma fé e um deus à sua medida, a leva a buscar uma saída para seus problemas, porém, esta busca, pode ser um poço sem fundo, uma vez que ela mesma pode fragilizar mais e mais o indivíduo que a cada dia que passa se torna menos indivíduo pois perde a capacidade de decidir, de escolher, sendo vítima do proselitismo delirante, servindo de tábua de salvação para igrejas e grupos fundamentalistas.

O ser humano se torna vítima do seu próprio desejo de liberdade transformando-se em escravo da sua necessidade de auto compreender-se. Sendo assim, é fundamental para o retorno deste ser humano fissurado e frustrado, que busca sentido para a sua vida, descobrir o caminho de volta a si mesmo, ao seu coração, à sua história. É fundamental para ele, a partir do seu mundo interior, construir um caminho maduro e uma relação de profundidade e libertação com o sagrado, com Deus e com a religião.

O caminho do homem espiritual, segundo São Paulo, não termina na mera lei, mas assume a bondade moral e a supera. Não lhe é dado com a aplicação de uma filosofia moral para a análise de certos eventos (cf. Col 3,1-10). Deve abrir-se a um panorama novo, a uma sabedoria nova: aquela do Espírito, da cruz de Cristo, muito diversa da terrena (cf. 1Cor 1,22-31). O seu horizonte é um horizonte de eternidade, aberto na

⁷⁹ «L'insicurezza che l'originaria frammentazione del cristianesimo ha prodotto nella coscienza europea lascia alla soggettività della fede di ogni confessione la parola definitiva riguardo alla salvezza ultraterrena dell'anima. Mai come allora risulta chiaro che la salvezza è una questione di fede soggettiva. La ragione “laica” e “illuminata”, autonoma da ogni fede religiosa e grazie al processo di secolarizzazione che se sviluppa contemporaneamente nella politica, nella filosofia e nella cultura, trova appoggio nella divisione avvenuta nel cristianesimo e intraprende una sua propria autonoma via di comprensione unificata della realtà»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Teologia della vita Cristiana*, 16.

morte e ressurreição de Cristo, com o plano de Deus sobre cada um dos homens que é um plano de amor (cf. Jo 21,20-23), realizável somente sobre a guia do Espírito. «*Somente neste horizonte iluminado de tais critérios da fé, é possível chegar à maturidade do homem novo, o homem espiritual que julga tudo segundo a mentalidade divina*»⁸⁰.

1.1. Caminho espiritual e Santo Inácio

Mais uma vez o exemplo de Santo Inácio serve como parâmetro para o caminho que queremos construir e desenvolver. A busca pelo sentido da sua vida, fez com que ele, em um primeiro momento, sentisse a ansiedade da experiência de um apelo interior que em princípio não lhe era claro.

Quando os homens, ao largo da história humana, prestaram atenção ao melhor de si mesmos, escutaram suas vozes íntimas, perceberam que elas eram o eco de uma voz interior. Desta percepção, temos expressões em todas as culturas. Sem nenhum tipo de exagero, poderia dizer que todas elas surgiram da necessidade que sente o homem de experimentar e fazer seu um mais além de si mesmo que busca alcançar e com o que não pode coincidir. Com efeito, dessa desproporção interior, dessa verticalidade irrefreável, dessa anagogia irreprimível, surge a dimensão simbolizadora que se expressa na linguagem, na arte, nos mitos, que constituem a raiz do mundo humano plasmado nas diferentes culturas⁸¹.

Com o passar do tempo, com as moções tornando-se uma constante e ao mesmo tempo com a sua voz interior falando-lhe alto, chega o momento do seu amadurecimento. Inácio foi descobrindo que alí havia um caminho a seguir se conseguisse interpretar aqueles sentimentos que lhe eram próprios, fruto de suas vivências e experiências, seja de orações, seja de encontro com pessoas e de diversas situações vividas na estrada de sua busca interior e exterior. Este percurso lento e doloroso forjou um homem capaz de fazer-se cristão, a ponto de decidir e escolher uma via que o portava a si mesmo, aos outros, a Deus e ao projeto de seu Reino. Para tanto, é fundamental «radicar-se em Deus» como nos explica Rossano Zas Friz De Col «*significa estabelecer com Deus uma relação tal que seja impossível viver fora desta relação, de modo que essa organize e ordene não só as grandes escolhas, mas também a vida cotidiana*»⁸².

⁸⁰ «Soltanto in questo orizzonte e illuminati da tali criteri di fede, è possibile arrivare alla maturità dell'uomo nuovo, l'uomo spirituale che giudica tutto secondo la mentalità divina»: M.R. JURADO, *Il Discernimento Spirituale*, Teologia, Storia, Pratica, 35.

⁸¹ «Cuando los hombres, a lo largo de la historia humana, han prestado atención a lo mejor de sí mismos, han escuchado sus voces más íntimas, han percibido que ellas eran el eco de una voz anterior. De esa percepción tenemos expresiones en todas las culturas. Sin ningún tipo de exageración, podría decirse que todas ellas han surgido de la necesidad que siente el hombre de experimentar y hacer suyo un más allá de sí mismo que busca alcanzar y con el que no puede coincidir. En efecto, de esa desproporción interior, de esa verticalidad irrefrenable, de esa anagogía irreprimible surge la dimensión simbolizadora que se expresa en el lenguaje, el arte, los mitos, que constituyen la raíz del mundo humano plasmado en las diferentes culturas»: J.M. VELASCOS, *La experiencia Cristiana de Dios*, 23.

⁸² «Radicarsi in Dio significa riuscire a stabilire con Dio un rapporto tale che rende impossibile vivere al di fuori di questa relazione, in modo che essa organizzi e ordini non solo le grandi scelte, ma

Este caminho de escolhas diárias e cotidianas, significa também conversão, não conversão de uma religião para a outra, mas de um cristianismo sem Cristo para um que me converta em discípulo e seguidor de Jesus pela união e intimidade com ele e pela escolha no sentido de decisões que me levam a ser mais unido à vontade de Deus como fez Santo Inácio. O caminho que a Igreja no Brasil tomou a partir da publicação dos últimos documentos que citamos na segunda parte deste artigo, foi aquele da busca de uma identificação da vida e da existência da Igreja em Cristo. O fruto maior é fazer-se discípulo e missionário a fim de anunciar a boa nova. São dois pontos que necessitam serem ligados por uma ponte que é a experiência do encontro com Cristo.

Assim aconteceu com Inácio de Loyola: primeiro descobriu a importância de Jesus, de uma vida santa, desejou segui-lo e depois tornou-se seu discípulo. Porém, o que alicerçou e garantiu que esta jornada chegasse a bom termo foi a experiência pessoal na caminhada de fé e de vida interior e da união com Deus que ele descobriu e compartilhou através dos EE.

1.2. *As mídias, a evangelização e a vida espiritual*

Certamente, o efeito da assim chamada “nova evangelização”, através das mídias, nos leva a um caminho contrário que é o da supervalorização da exposição da dimensão devocional em detrimento da união com Deus e de uma experiência pessoal com Deus. Portanto, o caminho atual não fortalece, não constrói identidade, «o cristão deve reencontrar a sua identidade profunda na igreja e deve aprender a orientar-se em um mundo que se move»⁸³, portanto, não valoriza e não incentiva a busca por uma identidade forjada na união com Cristo. Pelo contrário, tanto um caminho espiritual de vivência de vida interior, quanto a vida em comunidade através de pastorais, ou seja, através de um diálogo com a sociedade, com a política e com a construção de pontes com os desafios atuais da sociedade brasileira, não são incentivados pela assim conhecida mídia confessional brasileira.

A razão é simples, antes de tudo não rende dinheiro; segundo, não se deve envolver-se com o *status quo*, pois as mudanças virão através da oração. Enquanto isso, os partidos políticos utilizam do elemento religioso para a manipulação das mentes em casos como aborto, contraceptivos, questão de gênero e tudo o que está ligado à dimensão moral e ética, menos com a questão da corrupção, uma vez que muitos religiosos católicos ou de seguimento evangélico estão de braços dados com os mesmos, comprometendo a profecia e a presença dos movimentos sociais da Igreja e assim, reduzindo o evangelho a palavras de condenação e não de salvação.

A secularização na realidade sócio eclesial brasileira, nos leva a uma crise sem precedentes no que diz respeito ao papel da religião e à sua presença na sociedade, uma vez que, quanto lhe convém, a sociedade e especialmente a política deseja que a religião se

anche la vita quotidiana»: R. ZAS FRIZ DE COL, «**Radicarsi in Dio La trasformazione mistica di San Ignazio di Loyola**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 12 (2011) 162-302, 165.

⁸³ “il Cristiano deve ritrovare l’identità profonda nella Chiesa e deve imparare a orientarsi in un mondo che si muove”: C. BERNARD, «Esercizi per la Chiesa d’oggi» in *Gli Esercizi Spirituali oggi*, 8.

resuma ao âmbito privado, embora na prática, ela ainda exerça grande força no modo de pensar da grande massa.

Construir um caminho interior através dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio em meio à esta realidade, será um modo de fazer o ser humano encontrar um caminho seguro de regressar ao seu íntimo e assim construir uma personalidade capaz de fazer opções que o leve à sua identidade capaz de decidir e assumir as decisões tomadas. Mais do que tudo isso, é um meio seguro de buscar e encontrar a vontade de Deus.

2. Os Exercícios Espirituais como caminho de transcendência

O livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, no primeiro número, explica o que vem a ser os mesmos: «*se dá o nome de exercícios espirituais a todo e qualquer modo de preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, afastando-se procurar e encontrar a vontade divina, na disposição da vida para a salvação da alma*». Palavras como “exercitar”, “preparar”, “dispor”, “tirar”, “ordenar”, “afastar”, “procurar”, “encontrar”, “dispor”, “salvar”, nos fazem sentir o quanto de fato a ação de buscar a vontade divina pede de cada um de nós um exercício constante e sério.

Ao mesmo tempo, nos faz ver e entender que o ponto central dos Exercícios Espirituais (EE) é buscar ordenar a minha vida e encontrar a vontade de Deus. Desse modo, implica um caminho de maturidade e de abertura, de sinceridade e de liberdade, ou seja, são exercícios para quem quer de fato fazer uma experiência de Deus, e uma vez tendo feito, deseja render-se a ela.

Mas, o meio que são os exercícios e o fim deles que é em suma, não ficar preso à minha vontade, mas à vontade divina, me revela um caminho contrário à uma tentação, um «afeto desordenado» que está fortemente presente nos dias de hoje: não fazer esforços para mudança de vida, ou conversão (EE 153); e até mesmo, querer que Deus se renda à sua vontade humana (EE 154). A meditação dos três tipos de homens, faz parte da assim conhecida «Jornada Inaciana», juntamente com a meditação das «duas bandeiras» (EE 136-148) e dos «três graus de humildade» (EE 165-167), que nos levam a pedir «*Imitar, e assemelhar-me mais efetivamente a Cristo Nosso Senhor, quero e escolho antes pobreza com Cristo que riqueza, opróbrios com Cristo coberto deles que honras e prefiro ser tido como néscio e louco por Cristo, que primeiro foi tido como tal, a passar por sábio e prudente neste mundo*»⁸⁴.

Portanto, o exercício de fazer escolhas, buscar e encontrar a vontade de Deus é um esforço do homem para abrir-se e para poder conhecer a vontade Divina. Ao mesmo tempo, é perceber que é o Senhor quem se revela, quem se faz conhecer na disposição da própria vida especificamente na segunda semana dos Exercícios Espirituais⁸⁵. Este exercício deve acontecer na vida diária, vai além de decidir coisas práticas do dia-a-dia,

⁸⁴ I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, 167.

⁸⁵ «es siempre el Señor quien se revela, quien se hace conocer»: Cfr. P. CEBOLLADA, - J. GARCÍA DE CASTRO VALDÉS, ed., *Diccionario de espiritualidad ignaciana*, 726.

significa encontrar a vontade de Deus na minha vida ordinária e mais que isto, é encontrar a vontade de Deus para o meu estado de vida. Esta busca pede ao cristão unir-se a Cristo de modo tal que Ela seja tudo em nós sem subterfúgios. Encontrar-se com Cristo, meditar sua vontade, contemplar sua vida, paixão, morte e ressurreição representa uma crise no mundo de hoje que nos convida ao oposto, uma vez que

Os grandes problemas do mundo de hoje não fazem senão confirmar como o homem necessita de Deus e da Boa Nova. Confirma a validade das intuições de Santo Inácio e a atualidade de seu método de levar o homem a Deus. Constitui para nós um desafio de compartilhar a riqueza dos Exercícios com as gerações de hoje e aprofundar nosso conhecimento dos exercícios à luz das experiências de nossa época⁸⁶.

Com esta afirmação de Boguslaw Steczek, seguimos a intuição de Santo Inácio de Loyola a fim de apresentar um caminho seguro para a formação do homem hodierno, na sua procura por fazer a vontade de Deus. Caminho este que nos desafia à criatividade e ao mesmo tempo à uma busca profunda e honesta dentro de si mesmo, da identidade de ser humano e do ser pessoa. Só assim, poderemos entender e experimentar o que experimentou Inácio há quase 500 anos atrás.

Inácio através da sua experiência pessoal nos ajuda a percorrer o nosso próprio caminho de busca. Não poderemos assumir os seus passos, afinal cada pessoa é portadora de uma relação intransferível com Deus e de uma união íntima e crescente com Ele: «*acrescentou que havia muito ofendido a Deus depois que o havia começado a servir; mas que não havia nunca consentido pecado mortal; do contrário havia progredido na devoção, ou seja, na facilidade de encontrar Deus*»⁸⁷. Portanto, conhecer a malícia e a dinâmica do pecado (EE 50) até sentir uma profunda atração por Cristo, o que seria para Melloni o «*segundo estágio de transformação: a atração por Cristo Jesus, modelo da Divina-humanidade*»⁸⁸.

A partir da experiência de Inácio e das suas orientações, poderemos então entrar na mesma dinâmica que é, uma vez tendo sentido o apelo de Deus em seu interior, «*saborear intimamente*» e deixar-se conduzir pelo Espírito. Para Inácio esta experiência de descoberta do mundo interior significou estar atento ao movimento íntimo que acontecia em si mesmo. De Loyola a la *Storta*, passando por Manresa, encontramos um processo de descobertas, lutas, resistências, moções interiores. Assim, Inácio

Tinha que chegar ao processo pelo qual esta consciência profunda, se apoderaria de todo seu ser, de modo que tudo nele, como em Cristo, fosse resposta a Deus. Podemos estar seguros de que isto aconteceu quando se sentiu ao lado de Cristo, posto pelo Pai, em la *Storta*. Estas foram graças místicas muito importantes; porém o progresso «*recta sapere*» se

⁸⁶ «Los grandes problemas del mundo de hoy no hacen sino confirmar como el hombre necesita a Dios y la Buena Nueva. Confirman la validez de las instituciones de San Ignacio y la actualidad de su método de llevar al hombre a Dios. Constituyen para nosotros un desafío para compartir la riqueza de los Ejercicios a la luz de las experiencias de nuestra época»: B. STECZEK, «La indiferencia ignaciana como experiencia espiritual», en *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*, Bilbao 1991, 154.

⁸⁷ I. DE LOYOLA, *Autobiografía de Santo Inácio*, n. 99.

⁸⁸ «Segundo estadio de transformación: la atracción de Cristo Jesús, modelo de la divino-humanidad»: J. MELLONI, *La Mistagogia de los Ejercicios*, 161.

realizava de uma maneira humilde e efetiva ao largo dos Exercícios. Isto é o que Inácio quer dizer com seu «sentir e saborear as coisas internamente» (EE.2)⁸⁹.

2.1. *A secularização e a interioridade*

Certamente o mundo mudou e também o ser humano neste intervalo de quase cinco séculos, porém, a atualidade da busca é a mesma. O que está em jogo não é a Igreja, ou mesmo a biografia de Inácio de Loyola, mas sim neste momento histórico, a procura do ser humano pela sua identidade diluída e quebrada. Da modernidade, chegamos à pós-modernidade e há quem fale de pós-secularização, pós-cristianismo e até pós-verdade. Todos estes «pós», é um dos indícios do movimento contínuo do mundo e do ser humano. Portanto, não podemos negar que estamos diante de uma sociedade profundamente insatisfeita consigo mesma, com as coisas, com Deus ou com seus deuses. Entrar em si mesmo é um início. Inácio só compreendeu o que estava vivendo quando decidiu entrar em si mesmo e dar atenção ao movimento interior e nomeá-lo, aprofundá-lo e até mesmo saboreá-lo. É importante esclarecer que entrar em si mesmo é diferente de viver uma espiritualidade centrada em si mesmo, ou narcisista que contempla a sua face mesma e cujo centro é o seu bem-estar,

Para que haja transformação, é necessário chegar ao fundo das próprias sombras, adquirir um aborrecimento visceral do que nos distancia das fontes da vida e experimentar um resgate que provém da profundidade de Deus. Não há consciência de salvação se alguém não tem consciência das forças de morte que fecha o caminho da vida⁹⁰.

Mas não é isto que a secularização oferece. Vivemos um tempo de dispersão do humano e de sua identidade, cujo projeto e programa é o contrário daquele que apresenta e que viveu Inácio, um percurso interior que o fazia cada vez mais capaz de encontrar-se consigo mesmo, com sua realidade e com Deus. A nossa realidade contrastante, plural, líquida, que não valoriza mais as instituições, nem mesmo a vida interior, necessita e procura por uma certa dose de transcendência para viver, especialmente no caso do Brasil. Embora a indiferença religiosa esteja crescendo, realidade profundamente ligada à morte da cristandade ocidental, burguês e feudal, como nos afirma Emmanuel Mounier em 1979. A sua afirmação completa e nos ajuda a entender o que poderá acon-

⁸⁹ «tenía que llegar el proceso por el cual esta consciencia (awereness) en lo profundo, se apoderaría de todo su ser, de modo que todo en él, como en Cristo, fuese respuesta a Dios. Podemos estar seguros que esto ocurrió cuando se sintió al lado de Cristo, puesto per el Padre, en la Storta. Estas fueron gracias místicas muy importantes; pero el progresivo “*recta sapere*” se realiza de una manera humilde y efectiva a lo largo de los Ejercicios. Esto es lo que Ignacio quiere decir con su “sentir y gustar de las cosas internamente” (Ej. [21])»: P.R. DIVARKAR, «La experiencia de Dios que hace y configure a la persona», en *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*, 143.

⁹⁰ «Para que haya transformación, se ha de llegar al fondo de las propias sombras, adquirir un aborrecimiento visceral de lo que nos aparta de las Fuentes de la Vida, y experimentar el rescate que proviene de la hondura de Dios. No hay consciencia de salvación si uno no ha concienciado las fuerzas de muerte que cierran el camino de la Vida»: J. MELLONI, *La Mistagogia de los Ejercicios*, 131.

tecer também no Brasil, embora já vivamos uma tensão entre a indiferença e a busca sem discernimento da religião e da espiritualidade:

O Cristianismo não está ameaçado pela heresia: não apasiona mais o suficiente para que isto aconteça. É ameaçado por uma espécie silenciosa de apostasia provocada pela indiferença que o circunda e pela sua própria distração. Estes sinais não enganam: a morte se avizinha. Não já a morte do cristianismo, mas a morte da cristandade ocidental, feudal e burguesa. Uma cristandade nova nascerá amanhã, ou depois de amanhã, dos novos substratos sociais e dos novos enxertos extra-europeus. Agora necessitamos que nós não a sufoquemos com o cadáver da outra⁹¹.

2.2. O desafio da dispersão da fé no Brasil

Como já foi mencionado, vemos crescer no Brasil o neopentecostalismo que afeta a relação com em Deus e a confiança na Igreja. Esta experiência oferece uma grande diversidade de possibilidades no campo da experimentação do sagrado dentro de um contexto de profunda alienação e charlatanismo, sem um caminho espiritual e místico que ao menos ajude na consciência da unidade com Deus, que é visto como uma espécie de funcionário público que existe para atender a quem paga pelo seu serviço.

Neste ambiente, os Exercícios Espirituais podem ser um meio atual de apresentar um caminho e assim, restaurar a ponte que nos leva à uma mudança interior e a uma conversão, seja da pessoa, como da comunidade «*porque vão diretamente ao coração da livre eleição e põe de manifesto os condicionamentos sociais e culturais que a desvirtuam e a desviam*»⁹². Ao mesmo tempo, lutamos contra a “ineficácia” dos EE uma vez que parece não surtir hoje, na vida de tantas pessoas a começar pelo próprio Inácio, Francisco Xavier e outros, uma conversão tão clara como antigamente. As causas são as mesmas que levam à crise que vive a sociedade. A diferença de ontem para hoje é que estamos indo com a maré e não aprendemos a nadar contra ela

Em vez de aumentar as forças do espírito para transformar a carne e todo o nosso ser, estamos nos esforçando por transformar o espírito com as forças da carne. Ou seja, usamos a nossa memória, entendimento e vontade, que são as capacidades do «animal racional», para conformar nossa conduta a imagem de Cristo. Porém, Inácio propõe os Exercícios lógicos para que nos animemos a fazer o que é correto; ele propõe uns Exercícios para nos

⁹¹ «il cristianesimo non è minacciato di eresia: non appassiona più abbastanza perché ciò possa avvenire. È minacciato da una silenziosa apostasia provocata dall'indifferenza che lo circonda e dalla sua propria distrazione. Questi segni non ingannano: a morte si avvicina. Non già la morte del cristianesimo, ma la morte della cristianità occidentale, feudale e borghese. Una cristianità nuova nascerà domani, o dopodomani, da nuovi strati sociali e da nuovi innesti extraeuropei. Ancora bisogna che noi non la soffochiamo con il cadavere dell'altra»: E. MOUNIER, «Cristianesimo nella storia Ecumenica», 1979, 30, en F. COSENTINO, *Sui sentieri di Dio*, 39.

⁹² «porque van directamente al corazón de la libre elección y ponen de manifesto los condicionamientos sociales y culturales que la desvirtúan y la desvían»: C. M. MARTINI, «Ejercicios Espirituales y momento actual: Planteamiento del Congreso», in *Ejercicios Espirituales y Mundo de hoy*, Bilbao 1991, 16.

ajudar a abrir nosso espírito à ação de Deus: é este enorme poder o que nos transformará⁹³.

A experiência de Inácio e dos EE nos mostra que é fundamental a fortificação do ser interior para produzir um caminho contrário do que vemos: ir além do voluntarismo e fazer uma íntima experiência de conversão e assim adquirir clareza sobre a vontade de Deus e reconhecer a sua voz em meio a confusão de palavras no mundo atual, no qual todas as vozes se igualam, mas nem todas possuem o mesmo valor. Afinal, a voz do individualismo e do consumismo grita mais alto e assim forjam a pessoa fragilizada e desacreditada em si mesma, fazendo o fiel esquecer ou ignorar a dimensão transcendental como razão última de sua vida que é Deus. Ou seja, os fiéis se lançam na experiência religiosa como fuga da sua construção interior, e sem tomar decisões que custe qualquer ônus, sem conversão, sem sacrifício, sem união espiritual. A crise escatológica atual gera também a crise para com o sentido da existência e da própria identidade pessoal. Os EE são uma escola do silêncio e neste mergulho em si mesmo e em Deus, podemos descobrir a nossa identidade humana, uma identidade aberta para o lado de lá do tempo e da história. Esta relação com Deus e com sua ação, segundo Charles André Bernard, nos leva à transformação, interior e «o faz capaz de uma relação mais intensa de amizade com Deus»⁹⁴. Portanto, o silêncio é fundamental como um caminho pastoral e da experiência de discipulado.

3. Exercícios Espirituais e Secularização

A secularização aparece como uma grande oportunidade de recuperar o verdadeiro sentido da existência e da identidade que temos como ser humano e como cristãos como diz Cosentino, citando Armando Matteo: «a Pós modernidade não é para o cristianismo só ocasião de desconforto intelectual, mas é também uma oportunidade, uma contenção, de fato, para uma releitura da sua verdade possível no hoje da história»⁹⁵. Continua Cosentino: «com este espírito necessita entrar na relação entre fé e pós-modernidade, uma relação certamente em crise e que, todavia, pode renascer segundo como o cristianismo entra neste momento, que verdadeiramente aparece como uma hora «magnífica e dramática da história»^{96, 97}.

⁹³ «en vez de aumentar las fuerzas del espíritu para transformar la carne y todo nuestro ser, estamos esforzándonos por transformar el espíritu con las fuerzas de la carne. Es decir, usamos nuestra memoria, entendimiento y voluntad, que son las capacidades del «animal racional», para conformar nuestra conducta a la imagen de Cristo. Pero Ignacio no propone ejercicios lógicos para que nos animemos a hacer lo que es correcto; él propone unos ejercicios para ayudarnos a abrir nuestro espíritu a la acción del Espíritu de Dios: es este enorme poder el que nos transformará»: P.R. DIVARKAR, «La experiencia de Dios que hace y configura a la persona», in *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*, Bilbao 1991, 142.

⁹⁴ «lo rende capace di un rapporto sempre più intenso de amicizia con Dio»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Teologia della vita cristiana, Contemplazione, vissuto teologale e trasformazione interiore*, 141.

⁹⁵ «La postmodernità non è per il cristianesimo solo occasione di disagio intellettuale, mas anche un’opportunità – una contesa, appunto – per un’inedita rilettura della sua verità possibile nell’oggi della storia»: F. COSENTINO, *Sui sentieri di Dio*, 46.

⁹⁶ Francisco Cosentino cita João Paulo II, *Cristifideles laici*, n.3 em seu livro *Sui sentieri di Dio*, 46, para falar do momento «magnífico» que temos, da oportunidade que encontramos de ir avante no dialogar e transformar a realidade social que temos, e não ficarmos estagnados.

Desse modo, é imprescindível repensar o ser humano em relação à sua própria vida interior e exterior em relação com a sociedade atual e seus desafios, uma vez que por causa de um enfoque técnico na vida cotidiana o homem se vê obrigado a viver na superfície, esmagado e impedido de entrar em contato com sua vida interior⁹⁸. A experiência dos Exercícios Espirituais conduz à vivência mística da união com Deus que por sua vez, leva à maturidade e à nossa própria identidade.

Inácio sabia, por experiência própria, que para «encontrar a Deus em todas as coisas», é necessário «vencer a si mesmo e ordenar a própria vida» (EE 21). O exercitante deve decidir reformar a sua vida na presença do mistério insondável do Deus que se revelou na humanidade de Jesus⁹⁹.

Diante do desafio de forjar discípulos e missionários conforme nos pedem o Documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Igreja no Brasil, é fundamental falar em exercícios espirituais no sentido mais amplo, ou seja, exercitar a capacidade de abertura do ser humano à uma realidade transcendente que o faça encontrar-se com a sua realidade e identidade, sendo capaz de decidir e escolher,

Na medida em que a pessoa se exercita nesta abertura ao plano das virtudes teologais, antes de fazer um julgamento e na dócil submissão às aspirações e moções do espírito, vai-se criando uma personalizada operação de discernimento espiritual... A sua mente, na familiaridade com a luz e o critério divino, se vai transformando de carnal, terrena ou simplesmente humana, em espiritual. No ser humano, vai se criando este homem novo segundo o Espírito, do qual fala São Paulo (Ef 4,23-24; Col 3,9-10), uma sintonia mais afinada e completa com a influência divina e uma sensibilidade mais sutil para distinguir-lhe daqueles que não são¹⁰⁰.

Isto revela que o caminho que fazemos é totalmente o contrário ao que os EE e os Evangelhos nos propõem, uma vez que

O indivíduo já não recebe sua identidade em função de sua pertença à uma tradição autoritária estável, mas em função das escolhas que ele faz em meio à multidão de propostas, das quais

⁹⁷ «Con questo spirito bisogna entrare nel rapporto tra fede e postmodernità, un rapporto certamente in crisi e che, tuttavia, può rinascere a seconda di come il cristianesimo entra in questa ora, che veramente appare come un'ora "magnifica e drammatica della storia"»: F. COSENTINO, *Sui sentieri di Dio*, Torino 12, 46.

⁹⁸ «Ciò obbliga l'uomo a vivere in superficie e frantumato, creando attorno a sé un ambiente che ostacola la sua naturale voglia di rientrare in se stesso»: Cfr. R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 135.

⁹⁹ L. GONZALES-QUEVEDO, «Os Exercícios Espirituais no Brasil», *Perspectiva Teológica*, 35 (2003) 239-252, 242.

¹⁰⁰ «Nella misura in cui la persona si esercita in questa apertura al piano delle virtù teologali, prima di emettere il suo giudizio e nella docile sottomissione alle ispirazioni e mozioni dello Spirito, si va creando in essa una consuetudine all'operazione del discernimento spirituale... La sua mente, nella familiarità con la luce e i criteri divini, si va trasformando da carnale, terrena, o semplicemente umana, in spirituale. Nell'essere umano si va creando quest'uomo nuovo secondo lo Spirito, di cui parla san Paolo (Ef 4,23-24; Col 3,9-10), una sintonia più afinata e completa con le influenze divine e una sensibilità più sottile per distinguerle da quelle che non lo sono»: M.R. JURADO, *Il Discernimento Spirituale*, Teologia, Storia, Pratica, 42.

nenhuma se impõe a ele imperativamente. Doravante, tudo é discutível, tudo pode ser melhorado, mas nenhuma voz pode ainda elevar-se para dizer com autoridade: “é assim e não de outro modo”¹⁰¹.

Esta crise de identidade trazida pela secularização, dispersa cada vez mais o homem e a mulher, tornando-os deslumbrados diante das possibilidades que ela nos apresenta como, por exemplo, a indiferença diante das instituições – especificamente tratamos aqui da Igreja – e ao mesmo tempo, a relação do humano com a liberdade e a subjetividade. A Autora Danièle Hervieu-Léger, afirma que vivemos um «retorno do emocional», e assim, há um retorno da religião em pleno «ressurgimento do sagrado no coração da modernidade»¹⁰². Este retorno do sagrado vem sustentado pelo retorno desta emoção que podemos dizer, é próprio do pentecostalismo e das suas nuances.

Desse modo, fazer escolhas nunca foi tão valorizado, como também nunca foi tão difícil fazê-las e sustentá-las, até mesmo por falta de sobriedade e discernimento. Javier Melloni diz que os EE são atuais justamente porque nos ajudam a viver três pontos fundamentais. Ele fala em características que emergem como especiais e atuais nos EE de Santo Inácio.

Melloni trabalha os três pontos mais difíceis apresentados pelo momento atual como grandes desafios, ou seja, a subjetividade de cada indivíduo como fruto da primazia do sujeito e a privatização da fé. Ele ainda chama a atenção que «o ateísmo não é um ponto característico de nossa época, mas sim, precisamente todas as formas individuais privatizadas da fé, que se apresentam em um certo horizonte de presença configurando para si mesmo do modo como a cada um lhe parece»¹⁰³. Ele diz ainda que uma resposta que os EE podem dar é «uma lectio, ou seja, um exercício que seja contínuo para toda a vida, de toda a Escritura, tendencialmente completa, metódica, vivida no íntimo do sujeito, lectio que põe o sujeito em contato consigo mesmo, com suas angústias, fantasias, com suas fantasias ou suas angústias...mas com o acontecimento da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Motivo e força para as eleições difíceis da vida»¹⁰⁴.

¹⁰¹ H. GAGEY, «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: o que fazer?», *Perspectiva Teológica*, 129 (2014) 319.

¹⁰² «retour de l'émotion», «ressurgissement du sacré, au coeur de la modernité»: D. HERVIEU-LÉGER, *La Religion pour Mémoire*, 2008, 88.

¹⁰³ «Quisiera hacer notar que no es el ateísmo una característica de nuestra época, sino precisamente todas las formas individuales privatizadas de la fe, que se recortan en un cierto horizonte de presencia configurándola para sí mismo del modo que a cada uno le parece»: J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales y momento actual», 18.

¹⁰⁴ «Una lectio, repito, que sea continua, de toda la Escritura, tendencialmente completa, metódica, vivida en lo íntimo del sujeto; lectio que pone al sujeto en contacto con sí mismo o con su mundo interior, con sus fantasías o con sus angustias, casi que fuera un psicoanálisis, pero con el acontecimiento de la vida, muerte y resurrección de Jesús, entendidos como ambiente de la vida, muerte y resurrección de Jesús, entendidos como ambiente, ejemplo, motivo y fuerza para las elecciones prácticas difíciles de la vida»: Cfr. J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales y momento actual», 18.

Sobre a questão da liberdade ele pergunta:

Como é possível ajudar ao homem de hoje, e em particular aos jovens, a viver a própria liberdade, tão apreciada por todos e redescoberta em seus valores humanos profundos, não como arbitrariedade e possibilidade de fazer qualquer coisa, senão como capacidade autônoma de escolher o bem, desatando a liberdade e seus condicionamentos?¹⁰⁵. Mais uma vez Melloni diz que «*a lectio divina metódica, como um exercício continuo interior de oração, de confrontação com Cristo, de oferta de si; trás à tona os afetos desordenados e ensina a reconhecer as tentações do inimigo da liberdade humana*»¹⁰⁶. Por último, ele pergunta «*como é possível viver a primazia da interioridade e os valores evangélicos em uma estrutura que às vezes se mostram opressora... hierarquizada e centralizada?*»¹⁰⁷.

Inácio pretendeu responder à esta questão, sobretudo com a sua autobiografia, mostrando como o caminho, iniciado em Loyola e a descoberta da sua própria interioridade, se especifica no segmento evangélico até Jerusalém, porém culmina com o serviço da Igreja hierárquica precisamente em Roma, sob o Romano Pontífice¹⁰⁸.

A secularização forja pessoas dispersas, apressadas e estressadas e cuja referência última é ela mesma¹⁰⁹. Evitando todo o tipo de normatização os EE ajudam os cristãos a criarem uma relação diferente consigo, com Deus, com o outro e com a instituição. Neste sentido, os EE são instrumentos para nadar contra a corrente atual do individualismo e de certo niilismo. O caminho é formar pessoas capazes de decidir remar neste mar de subjetividade que se apresenta diante de nós

Uma atenção para a subjetividade, para a assimilação e a apropriação da objetividade mediante os valores, a cultura, o saber, o estético, o afetivo, etc., certamente não é tempo perdido para quem como nós, deseja uma transformação real da objetividade no sentido de ter estruturas mais justas. Pois se é verdade que as estruturas fazem as pessoas, também é verdade que para tirar as estruturas do anonimato, do acaso e transformá-las em direção a um ideal ético, é

¹⁰⁵ «Cómo es posible ayudar al hombre de hoy, y en particular a los jóvenes, a vivir la propia libertad, tan apreciada por todos y redescubierta en sus valores humanos profundos, no como arbitrariedad y posibilidad de hacer cualquier cosa, sino como capacidad autónoma de elegir el bien, desatando la libertad de sus condicionamientos?»: J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales e momento actual», 18.

¹⁰⁶ «Una *lectio divina metódica*, que se convierta en ejercicio interior de oración, de confrontación con Cristo, de oferta de sí; que saca a la luz los afectos desordenados y enseña a reconocer las tentaciones del enemigo de la libertad humana»: J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales y momento actual», 18.

¹⁰⁷ «Cómo es posible vivir la primacía de la interioridad y de los valores evangélicos en una estructura que a veces se muestra agobiante... jerarquizada y centralizada?»: J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales e momento actual», 18.

¹⁰⁸ «Ignacio ha pretendido responder a la cuestión sobre todo con su *Autobiografía*, mostrando como el camino, iniciado en Loyola, a la descubierta de su propia interioridad, se especifica en el seguimiento evangélico hasta Jerusalén, pero se culmina en el servicio de la Iglesia jerárquica precisamente en Roma, bajo el Romano Pontífice»: J. MELLONI, «Ejercicios Espirituales e momento actual», 19.

¹⁰⁹ «Cioè, al processo di oggettivizzazione e di privatizzazione dell'esperienza di fede nella Chiesa... corrisponde nella società civile il processo mediante il quale la coscienza si allontana dalla fede religiosa, prendendo come punto ultimo di riferimento non le verità rivelante, ma se stessa»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Teologia della vita cristiana*, 17.

preciso pessoas com firme conhecimento e decisão, com capacidade ética e sensibilidade, equilíbrio, receptividade e todos os atributos de uma boa formação humana e cristã¹¹⁰.

4. O modo de escolher inaciano e a formação da identidade cristã

Santo Inácio afirma que «*muchu aproveita a quem faz os exercícius entrar neles com grande ânimo e liberalidade para com seu Criador e Senhor, oferecendo-Lhe todo o seu querer e liberdade, para que a Divina Majestade, conforme sua vontade santíssima, se sirva de sua pessoa e de tudo o que possui*»¹¹¹, este é o ponto de partida para quem busca encontrar a vontade de Deus através do exercício da sua alma¹¹². O que parece uma norma simples é a norma imprescindível para que uma pessoa possa dizer que encontrou a vontade divina. Sem esta predisposição fundamental, não se entra plenamente nos EE, e nem se encontra aquilo que se deseja. Os EE são assim uma verdadeira escola que vai convidando o exercitante, passo a passo, dia a dia, a sair de si mesmo e a tomar a ousada decisão de sair do centro. O caminho será a ordenação dos seus afetos «*se por ventura a alma estiver afeiçoada ou inclinada a uma coisa desordenadamente, deve-se empenhar-se, empregando todas as suas forças, em chegar ao contrário daquilo, a que se vê mal inclinada*»¹¹³. Como então fazer uma experiência de Deus que capacite o ser humano a viver no mundo e nele fazer escolhas de uma forma livre?

Santo Inácio determina antes de tudo as atitudes capazes de nos colocar na disposição necessária para decidir-se segundo a vontade de Deus. O primeiro passo consiste em aceitar lealmente e claramente a subordinação dos desejos pessoais à busca da vontade de Deus, a quem se quer servir respondendo à própria vocação. O segundo é mais difícil e esquecido: consiste em que onde não aparece suficiente as razões de uma escolha, se incline em direção a aquilo que é mais próximo de uma renúncia evangélica, à sua mensagem de pobreza, de docilidade e de humildade. Uma vez aceita estas duas posições fundamentais, a contemplação da vida de Cristo suscitará as razões que o Senhor deseja de qualquer um de nós. Bastará sermos dóceis às moções e às inspirações que o Espírito Santo não deixará de suscitar¹¹⁴.

¹¹⁰ Cfr. Editorial da Perspectiva Teológica: faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/1264/1662.

¹¹¹ I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 5.

¹¹² Devemos dizer que para aprofundar esta questão do fazer escolhas no mundo de hoje e buscar a vontade de Deus, é fundamental saber que tudo isto vai depender das imagens que trazemos de Deus e ao mesmo tempo, vai depender da cultura, da experiência pessoal e ao mesmo tempo entender o que significa a liberdade. Desse modo, poderemos entender e até mesmo conseguir aprofundar a questão de Deus, do homem e da cultura no mundo de hoje.

¹¹³ I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 16

¹¹⁴ «S. Ignazio determina anzitutto le attitudini capaci di metterci nelle disposizioni di Dio. Il primo passo consiste nell'accettare lealmente e chiaramente la subordinazione dei desideri personali alla ricerca della volontà di Dio, al quale si vuol servire rispondendo alla propria vocazione. Il secondo è più difficile e dimenticato: consiste, che là dove non appaiono sufficiente le ragioni di una scelta, si inclini verso ciò che è più vicino alla rinuncia evangelica, al suo messaggio di povertà, di dolcezza e di umiltà. Una volta accettate queste disposizioni fondamentali, la contemplazione della vita di Cristo susciterà le reazioni che il Signore desidera da ciascuno di noi. Basterà esser docili alle mozioni e alle ispirazioni che lui Spirito Santo non mancherà di suscitare»: C. BERNARD, «Esercizi per la Chiesa d'oggi» en *Gli Esercizi Spirituali oggi*, 12.

Somente se a nossa vontade estiver orientada à vontade de Deus, se nossos projetos estiverem orientados a Ele, poderemos nos mover¹¹⁵ em uma sociedade cada dia mais individualista que nos faz fugir de decisões definitivas e duráveis. Este aspecto, é próprio da revolução cultural que presenciamos, uma geração inteira escrava da tecnologia, usa-a como se estivesse presa às coleiras que impedem a sua liberdade, elemento, como vimos acima, fundamental para entrar nos EE. Esta nova realidade afeta em cheio a capacidade de decidir, escolher e viver, daí a importância de ratificar o anúncio de Jesus Cristo, não apenas como *Kerigma*¹¹⁶, mas como experiência pessoal.

Na medida em que as mudanças de época atingem os critérios de compreensão, os valores e as referências, os quais já não se transmitem mais com a mesma fluidez de outros tempos, torna-se indispensável anunciar Jesus Cristo, apresentando, com clareza e força testemunhal de quem é Ele e qual sua proposta para toda a humanidade. Não se trata, por certo, de estabelecer uma espécie de concorrência religiosa, ingressando na competição por maior número de fiéis. Tampouco se trata pela de busca de privilégios para a Igreja que em todos os tempos é chamada a ser serva humilde e despojada (cf. Lc 17,7-10). Trata-se de reconhecer que o distanciamento em relação a Jesus Cristo e ao Reino de Deus traz graves consequências para toda a humanidade¹¹⁷.

Cosentino, a respeito do momento em que vivemos, nos diz que não vivemos uma nova época, mas uma nova forma de habitar a modernidade¹¹⁸. Sendo assim, ainda vale o método antigo para as perguntas que se colocam hoje? Se o que vivemos não é pós-modernidade, mas sim, ainda a modernidade que se estende e que nos coloca nela com uma postura diversa, podemos perguntar então, quem forja quem nesta revolução que é profundamente cultural? Henri-Jérôme Gagey, nos fala sobre a generalização do individualismo e a isto ele chama de pós-modernidade.

¹¹⁵ «questa scoperta lo conduce ad attaccarsi a Cristo»: Cfr. C. BERNARD, «Esercizi per la Chiesa d'oggi» en *Gli Esercizi Spirituali oggi*, 8.

¹¹⁶ Quando falo em *kerigma*, penso nos grandes movimentos pentecostais que estão no Brasil, especialmente no meio Católico, que tem como missão «anunciar» ou seja, apresentar Jesus. Porém, chega um certo tempo em que a pessoa que fez a experiência espiritual necessita avançar para águas mais profundas e já não encontra o “como”. Muitos saem da Igreja Católica e passam para Igrejas Evangélicas procurando este aprofundamento que é apenas mais uma ilusão, embora seja verdade que em alguns casos, encontramos pessoas de fato desejosas e curiosas por um aprofundamento, seja de conteúdos da fé, seja de conteúdo bíblico. O problema é que quando estas pessoas estão na Igreja Católica, elas são indisciplinadas, desmotivadas e desinteressadas, até o dia em que alguém de outra igreja qualquer, surge e desperta nelas a curiosidade pelo conhecimento bíblico a partir de lacunas deixadas pela formação na Igreja, em temas como batismo de criança, uso de imagens de santos, pecado, proibições, trabalhar no dia de sábado etc. Como vemos, são apenas temas sobre os quais estas novas igrejas constroem a sua formação e via para o proselitismo, que vai arrastando um por um, quando não famílias inteiras. O elemento principal aqui é o batismo no Espírito Santo, que faz mudar completamente a participação de um ex-católico que passa de um leigo sem iniciativa e participação, para um líder de célula, obreiro ou em pouco tempo, pregador e pastor em sua nova denominação.

¹¹⁷ CNBB, *O Ministério do Catequista*, Doc. 95, 10, 44.

¹¹⁸ F. COSENTINO, *Sui sentirei di Dio*, 56.

Outro aspecto dessa revolução cultural é o aparecimento e a generalização do individualismo. Na sociedade moderna, pelo menos em tendência, o indivíduo não pertence a ninguém, somente a si mesmo. «*A cada um, sua vida*», como dizem os franceses. Minha vida me pertence, portanto, nenhuma instituição, nenhum corpo intermediário deve pesar na minha escolha: nem família, nem casal, nem sindicato, nem partido, nem tradições... Evidentemente, cada qual é livre para dar a si mesmo uma pertença, para se engajar em solidariedades, mas isso em virtude de uma escolha pessoal, que só diz respeito a ele mesmo e que pode recoloca-lo em questão a qualquer momento. Enfim, a tendência de nossa sociedade é a seguinte: eu mesmo, diante de minhas telas, TV, computador e smartphone. Nasce daí a imagem da massa solitária, da multidão “antenada” ou “plugada”, que significa, no fundo, uma multidão «com coleira», atrelada imediatamente ao sistema global. É a radicalização e a generalização dessa situação que é chamada de pós-modernidade¹¹⁹.

A experiência dos Exercícios Espirituais em um mundo pós-moderno, ajudará a responder à pergunta sobre Deus e a mudar as mais variadas e equivocadas imagens de Deus que temos, que afeta a capacidade de escolha em meio a um bombardeio midiático confessional que oferece Cristo como um produto. Esta capacidade fica cada dia mais inclinada às experiências velozes e superficiais do religioso e do sagrado. Quando falo em escolhas, me refiro a um sentido mais amplo do termo «escolher» como um

Inteiro processo interior mediante no qual uma pessoa assume de modo responsável e contínuo no tempo, as consequências de uma escolha feita excluindo outras. “Escolher” não implica somente o percurso de conduzir a tomar uma determinada decisão ou realizar uma escolha, implica também dar continuidade no tempo a tal opção. Por isso, não se pode limitar o significado do «escolher» somente à escolha mesma, mas compreender no seu mecanismo interno também a assunção das consequências da própria escolha feita. Por esta razão, «escolher» também se apresenta com um campo semântico mais amplo que o daquele de «discernir», que diz respeito somente a uma parte do processo inteiro do escolher¹²⁰.

4.1. Construir um caminho espiritual pessoal a partir dos EE

O caminho agora deve ser o de entrar na escola dos EE para aprender com Inácio a construir o próprio caminho de liberdade e de fazer escolhas e assumi-las. Para isso, é fundamental fugir de um caminho que dá a sensação de “promoção” no qual se apresenta um Cristo mais palatável com menos exigências e mais milagres. É justamente este

¹¹⁹ H. GAGEY, «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: O que fazer?», *Perspectiva Teológica* 129 (2014) 314.

¹²⁰ «intero processo interiore mediante il quale una persona assume, in modo responsabile e continuo nel tempo, le conseguenze di una scelta fatta escludendone altre. “Scegliere” non implica soltanto il percorso che conduce a prendere una determinata decisione o a realizzare una scelta, ma anche il dare continuità nel tempo a tali opzioni. Perciò non si può limitare il significato dello “scegliere” alla sola scelta, ma comprendere al suo interno anche l’assunzione (più o meno permanente) delle conseguenze della scelta fatta. Per questa ragione “scegliere” si presenta con un campo semantico più ampio di “discernere”, che rispecchia soltanto una parte dell’intero processo dello scegliere»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 117.

caminho que fragiliza o fiel e o convida a permanecer em uma atitude infantil e imatura deixando para mais tarde as escolhas fundamentais da vida por medo da frustração.

Os EE desde o “Princípio e Fundamento” quando afirmam que o homem foi criado para a liberdade e que as coisas criadas existem para ajudá-lo a chegar ao fim ao qual foi criado, nos ajudam a amadurecer na relação com as coisas e com o mundo, «*tanto quanto*» estas me mantenham no caminho da liberdade¹²¹. Na Primeira Semana, o exercitante é convidado a experimentar a face da misericórdia e não do medo. Esta atitude, incentiva-o a dar passos cada vez mais livres e seguros rumo às escolhas definitivas para que «*todas as minhas ações e operações sejam ordenadas puramente para o serviço e louvor de Sua Divina Majestade*»¹²². O colóquio final do primeiro exercício da Primeira Semana será diante da cruz e do crucificado que o colocará “frente a frente” com Verdade que o liberta e possibilita a pergunta: «*tenho estado livre, estou livre e desejo continuar livre para continuar a escolher-te em todas as minhas escolhas?*»¹²³. A maturidade da pessoa está na liberdade de ser confrontada com a realidade da cruz e com as escolhas de Jesus que passarão a ser as minhas. Como vemos, a proposta não é a de um cristianismo sem Cristo e sem cruz, mas de radicar-se cada vez mais na força do fato de que, pelos meus pecados e por mim, o Senhor vai à paixão¹²⁴. Ao mesmo tempo, contemplamos os diversos tipos de pecados a fim de percebermos como a falta de liberdade nos mata¹²⁵. A lógica do apelo do rei temporal e a contemplação do Rei Eterno, quando o exercitante pede a graça de ser «*pronto e diligente para cumprir Sua santíssima vontade*»¹²⁶ e se oferece totalmente a Deus «*Eterno Senhor de todas as coisas, faço minha oblação com vosso favor e auxílio... protestando que quero e desejo, por determinação deliberada, imitar-vos em suportar todas as injurias*», para, sem impedimentos e sem prisões, abraçar o mesmo projeto de Cristo.

Os Exercícios continuam seu caminho de forjar os discípulos de Cristo ajudando a considerar os estados de vida, «*a fim de chegar à perfeição em qualquer estado ou vida que Deus Nosso Senhor nos der a escolher*»¹²⁷.

A Jornada Inaciana e a Segunda Semana dos EE, são os exercícios puramente voltados à lucidez que cada cristão necessita, para melhor enxergar, escutar, experimentar a voz do Senhor que chama. São exercícios que vão predispondo o exercitante a vislumbrar o que lhe espera. Logo em seguida, santo Inácio apresenta os modos de fazer escolhas como uma verdadeira escola de ordenação dos afetos e orientar a vida para Cristo e seu Reino. Como também, é um caminho de libertação profunda das seguranças que po-

¹²¹ Cfr. I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 23.

¹²² I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 46.

¹²³ Cfr. I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 53.

¹²⁴ Cfr. I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 193.

¹²⁵ Isto especificamente diz respeito aos diversos tipos de pecado: de Adão e Eva, dos anjos e os do ser humanos, incluindo a contemplação do inferno. Estas são contemplações próprias da primeira semana dos Exercícios Espirituais nn. 45 – 90.

¹²⁶ Cfr. I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 91.

¹²⁷ Cfr. I. DE LOYOLA, *Exercícios Espirituais*, n. 135

dem ter os exercitantes. Escolher a bandeira de Cristo¹²⁸, é assumir o projeto do terceiro grau de humildade¹²⁹ e agir como aquele terceiro tipo de pessoa¹³⁰ que sabe o que lhe espera, que não deseja outra coisa senão conformar-se a Cristo e viver a mesma vida que Ele escolheu e viveu.

O preâmbulo para fazer a eleição nos remete ao início dos EE, especialmente ao “Princípio e Fundamento” quando Inácio apresenta que a vocação primeira do ser humano é «louvar, servir, reverenciar a Deus Nosso Senhor»¹³¹. Inácio apela à liberdade interior de quem deseja escolher ou fazer eleição dizendo «*não subordinando nem sujeitando o fim ao meio, mas o meio ao fim*»¹³². O fim é a união com Deus. Uma vez feita esta experiência, o caminho será o discernimento constante, a conversão e a esperança «*o homem purificado e orientado pelos Exercícios Espirituais não deveria ter temor de expor-se em primeira pessoa, de ler os sinais dos tempos e de explicá-los aos outros, em autêntico contexto de esperança cristã*»¹³³. Portanto, conscientes de que os EE não fazem magia, será fundamental aprender e deixar-se conduzir pela arte do discernimento, como fez Inácio desde Loyola até Roma. Formar pessoas maduras e capazes de assumir as próprias escolhas é um dom e ao mesmo tempo um dever da Igreja e da nova evangelização.

Está aí, sem dúvida, o que dá a esta época seu caráter ao mesmo tempo apaixonante e fatigante: cada um deve agora buscar no mais profundo de si mesmo o recurso para realizar atos de responsabilidade. Antigamente, era possível viver e cumprir seu destino, deixando-se levar pela correnteza. Hoje, se nada o impede, é preciso tomar uma decisão. Para meus avôs, a estabilidade de seu casamento era coisa automática, mesmo que não tivessem certeza de se constituírem um casal feliz. A tradição os mantinha juntos. Hoje, quase cada dia, os casais jovens decidem novamente se vão ficar juntos. Não é o casamento que os sustenta; são eles que sustentam o casamento! Apaixonante, mas fatigante! É por isso que precisamos de sabedoria. Será que a fé cristã pode ser essa sabedoria que o mundo contemporâneo carece? Eis o que está em jogo na nova evangelização¹³⁴.

«Escolher» significa assumir responsabilmente um valor e encarná-lo na própria vida, em um modo mais ou menos permanente»¹³⁵. Para isso, o conhecimento íntimo da vontade de Deus é fundamental, uma vez que, «para Santo Inácio a escolha de uma forma de vida na qual se realiza uma vocação pessoal à autotranscendência, envolve a vontade divi-

¹²⁸ I. DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, n.136

¹²⁹ I. DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, n.165

¹³⁰ I. DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, n.149

¹³¹ I. DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, n.23

¹³² I. DE LOYOLA, Exercícios Espirituais, n.169

¹³³ «L'uomo purificato e orientato dagli Esercizi non dovrebbe aver timore di esporsi in prima persona, di leggere i segni dei tempi e di spiegarli agli altri, in un autentico contesto di speranza cristiana»: G. ARLENDER, «**Il contesto della scelta cristiana e ignaziana oggi**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 2 (2006) 86-93.

¹³⁴ H. GARGEY, «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: O que fazer?» [Acessado: 14/03/17], *Perspectiva Teológica*, 129 (14) 316.

¹³⁵ «“Scegliere” significa assumere responsabilmente un valore e incarnarlo nella propria vita in un modo più o meno permanente»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 126.

na¹³⁶. Portanto «é Deus quem escolhe e o fiel escolhe a escolha divina, a qual é libertadora se é feita por amor a Deus»¹³⁷. A consciência deste processo de escolha cristã deve ser fruto de uma maturidade espiritual e de uma relação profunda com Ele «uma escolha deste tipo não pode ser “temporal”: deve ser necessariamente “eterna”, porque está em jogo a dimensão escatológica do amor divino e da vida humana»¹³⁸.

A maturidade da vida cristã, fruto da experiência pessoal com Cristo, nos leva à conversão que é o caminho de segurança para a capacidade de fazer escolhas duradouras e alicerçadas no Evangelho e em Deus. É autodeterminação¹³⁹. E esta identificação será mais intensa quanto mais livre for a pessoa mesma¹⁴⁰; é escolher não assumir outros valores que não estão de acordo com a escolha de vida feita anteriormente¹⁴¹ de forma perene, mas sim «escolher por si mesmo aquilo que se deseja ser, decidir a transformação que se deseja operar em si mesmo»¹⁴². O processo de formação da identidade cristã passa pela capacidade de escolhas e de sustentação das mesmas.

4.2. O caminho espiritual da Igreja – Comunidade Cristã

A Comunidade cristã assim como a hierarquia da Igreja, através dos seus documentos e decisões, deve favorecer, impulsionar e animar os fiéis a adquirir, através da experiência espiritual de intimidade com Cristo, condições de propor à sociedade ou ao menos, apresentar-lhe um modo de ser cristão sem a pretensão de uma condenação radical da sociedade atual. A sociedade é feita de pessoas que necessitam conhecer mais e melhor o cristianismo como caminho de tornar-se aquilo que se deve ser, a fim de ter condições de uma abertura à experiência transcendental. Estar no mundo, sem ser do mundo¹⁴³, mas profundamente enraizados em Deus e na sua vontade «radicar-se em Deus» que significa «tentar estabelecer com Deus uma relação tal que se torne impossível viver fora desta relação, de modo que esta organize e ordene não somente as grandes escolhas, mas também a vida cotidiana»¹⁴⁴. A vida cotidiana se transforma assim, no lugar, na

¹³⁶ «Per Sant’Ignazio la scelta di una forma di vita in cui realizzare la vocazione personale all’auto-trascendenza coinvolge la volontà divina»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 126.

¹³⁷ «È Dio che sceglie, e il fedele e sceglie la scelta divina, la quale è liberatoria si è fatta per amore di Dio»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 126.

¹³⁸ «una scelta di questo tipo non può essere “temporale”: deve essere necessariamente “eterna”, perché è in gioco la dimensione escatologica dell’amore divino e della vita umana»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 127.

¹³⁹ «Scegliere significa autodeterminarsi»: Cfr. R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 129.

¹⁴⁰ «laddove l’identificazione sarà tanto più intensa quanto più libera è la persona stessa»: Cfr. R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 129.

¹⁴¹ «la persona incarna nuovi valori, rendendoli visibili»: Cfr. R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 129.

¹⁴² «Scegliere-per-sé ciò che si vuole essere, decidere la trasformazione che si vuole operare su se stessi»: R. ZAS FRIZ DE COL, *Iniziazione alla vita eterna*, 129.

¹⁴³ Cfr. Jo 15,19.

¹⁴⁴ «“Radicarsi in Dio” significa riuscire a stabilire con Dio un rapporto tale che rende impossibile vivere al di fuori di questa relazione, in modo che essa organizzi e ordini non solo le grandi scelte, ma

oportunidade e na possibilidade de uma relação de obediência com Deus. Desse modo, é a vida mesma real e concreta, uma oportunidade de viver a intensidade da experiência transcendental como o fizeram Francisco de Assis, Inácio, Francisco Xavier, etc.

Inácio amadurece misticamente nesta vida e progride em seu itinerário ligado aos tempos e lugares concretos. E se é verdade que cada crente é um místico, uma vez que se relaciona com o mistério de Deus, qualquer um amadurece nesta via pessoal de maneira única. Neste sentido, é possível caracterizar a peregrinação mística de Inácio, na perspectiva da obediência, como um processo de transformação no qual Inácio amadurece a sua específica via pessoal de realizar a união com Deus¹⁴⁵.

5. Recuperar a profecia como nova evangelização

A dinâmica da nova evangelização será recuperar a profecia de retorno ao espírito do Concílio Vaticano II, entrando no caminho retomado pela reforma do Papa Francisco na Igreja hoje.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história¹⁴⁶.

Pensar a Nova Evangelização a partir da nossa sociedade atual, requer um exercício de humildade e de sinceridade na fuga das tentações pós-modernas da assim conhecida “nova evangelização” tantas vezes mal compreendida. A Igreja como instituição, pouco a pouco perde o seu status e ao mesmo tempo a sua influência na vida das pessoas e na realidade brasileira, embora a religião ainda seja importante e desenvolva um papel significativo na sociedade.

Desde que caíram as barreiras medievais da subcultura eclesial que permitiam defendê-la do mundo moderno, a Igreja, na realidade, não pode estabelecer na prática um paradigma que ofereça na nova situação «pós-moderna» que oferecia antes: segurança meta-histórica em um projeto histórico. Precisamente a falta de um novo paradigma pastoral na Igreja que dê conta também da sua identidade para o mundo, é o que determina a crise institucional¹⁴⁷.

anche la vita quotidiana»: R. ZAS FRIZ DE COL, «**Radicarsi in Dio. La trasformazione mistica di San Ignazio di Loyola**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 12 (2011) 165.

¹⁴⁵ «allora il pellegrinaggio cristiano e ignaziano verso Dio si può metaforicamente esprimere come una trasformazione personale per ‘radicarsi’ in Dio nell’obbedienza alla sua volontà per amore di Dio stesso»: R. ZAS FRIZ DE COL, «**Radicarsi in Dio? La trasformazione mistica di San Ignazio di Loyola**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 12 (2011) 162-302, 171.

¹⁴⁶ CONCILIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n.1.

¹⁴⁷ «Desde que cayó la barrera medieval de la sub-cultura eclesial que le permitía defenderse del mundo ‘moderno’, la Iglesia, en realidad, no ha podido establecer en la práctica un paradigma que ofrezca en

Na Igreja brasileira é grande o esforço por buscar um modo acertado de estar na sociedade sem querer sobrepô-la ou dominá-la. Exemplos destes esforços são las Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB), já vistas na segunda parte desta pesquisa, e as Campanhas da Fraternidade que durante mais de 50 anos vem trabalhando temas sociais em diálogo com a sociedade e com outras denominações religiosas. O mesmo acontece com o “Grito dos Excluídos”¹⁴⁹ que se tornou na sociedade brasileira um ato de profundo cunho social libertador. Porém, uma ala da Igreja passa alheia a tudo isto, uma vez que o seu interesse que é puramente espiritualista, não está presente nestes eventos. Pois, trazem consigo ainda o ideal de re-cristianização da sociedade, ou re-catolicização.

Talvez fosse possível a partir da situação mesma de dificuldade em que versa hoje o cristianismo. Uma nova possível ponte poderá estabelecer-se com a cultura contemporânea e com a ambiguidade, capaz de saber casar a coragem de um renascimento interior e estrutural que se impeça de olhar com nostalgia o tempo que passou de certo triunfalismo católico¹⁵⁰.

5.1. A profecia desde a CNBB

O mistério está presente na sociedade atual que, se de um lado nos pede diálogo com ela por outro, nos faz também estar atentos ao diálogo interno da Igreja. O equívoco começa por não compreender a proposta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fazendo com que cada grupo, movimento ou comunidade faça o seu caminho individualmente e perdendo o elo de unidade nas questões mais sérias que afetam a sociedade civil como um todo. A Igreja tem uma oportunidade de ser uma presença nova e dinâmica na sociedade quando está junto aos pobres e aos desafios que a afeta direta-

la nueva situación ‘post-moderna’ lo que ofrecía antes: seguridad metahistórica en un proyecto histórico. Precisamente la falta de un nuevo paradigma pastoral en la Iglesia, que dé cuenta también de su identidad para el mundo, es lo que determina la crisis institucional»: R. ZAS FRIZ DE COL., «**La vida Cristiana Ignaziana en el contexto contemporáneo**» *Ignaziana*, (www.ignaziana.org) 11 (2011) 152.

¹⁴⁸ Campanhas coordenadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil anualmente durante a quaresma desde 1964. O sentido primeiro é a sensibilização da Igreja no Brasil para as causas sociais. Muitas delas foram feitas de forma ecumênica, ajudando assim no diálogo e na busca de caminhos para a justiça social, a fraternidade e a paz. Os temas trabalhados estão em sua grande maioria ligados aos dramas sociais como, por exemplo: as drogas, a família, a terra, a justiça, a paz, a dignidade, a natureza e inclusive no ano de 2017, o tema será «*Fraternidade: Biomas brasileiros e defesa da vida – Cultivar e guardar a criação*».

¹⁴⁹ O Grito dos Excluídos, desde 1995, também exerce uma forte presença na sociedade brasileira anualmente no dia 07 de setembro, dia da independência do Brasil. Busca denunciar as escravidões que sofrem o povo de Deus em geral. Nasce a partir da segunda Semana Social Brasileira. Ambos os eventos, Grito dos Excluídos e Semana Social Brasileira, são mais dois esforços da CNBB para estar conectada e evangelizando, construindo pontes com a sociedade e as instituições. Estes eventos são testemunhos de diálogos ecumênicos uma vez que é pensado junto com o CONIC – Conselho Nacional das Igrejas Cristãs.

¹⁵⁰ «Forse possibile proprio a partire dalla situazione di difficoltà in cui versa oggi il cristianesimo. Un nuovo possibile ponte potrà stabilirsi con la cultura contemporanea e con le sue ambiguità, a patto di saper sposare il coraggio di un rinnovamento interiore e strutturale che ci impedisca di guardare con nostalgia il tempo che fu di un certo trionfalismo cattolico»: F. COSENTINO, *Sui Sentieri di Dio*, 38.

mente, isto pode ser um caminho para um olhar de parte da sociedade que está indiferente para com a religião, mas ao mesmo tempo, sensível diante da dor do irmão.

A atual sociedade pluralista, instável, diversificada, participativa, secularizada e dominada por uma racionalidade de cunho científico-experimental e econômico, é assim pragmática e utilitarista, vê no discurso cristão apenas mais um entre tantos os que são apregoados, relativizados e, conseqüentemente, enfraquecidos. O crescimento dos que se declaram sem religião, a indiferença de muitos fiéis com relação ao magistério eclesiástico, o surto de religiões esotéricas, a religiosidade afastada da instituição, para citar apenas alguns sintomas hodiernos, demonstram a necessidade de se rever a modalidade evangelizadora do passado. Pois a fé não mais pode ser pressuposta, pois é ela exatamente que se encontra questionada. Portanto o problema de fundo gira hoje em torno da proclamação do *kerigma* para os «de fora» e que os leve à uma livre opção de fé, opção esta que lhes proporcione orientação e fundamento para viverem a aventura da existência humana. Só nesta perspectiva, podemos enfim entender porque podemos e devemos falar hoje de nova evangelização¹⁵¹.

Recuperar a profecia e a nova evangelização significa desse modo, preparar os batizados para estar inseridos na realidade densa e desafiante da sociedade plural e mutável. Ao mesmo tempo, estes batizados que estarão inseridos na sociedade, devem estar em nome de Cristo realizando, a partir das categorias do Evangelho, os valores morais, os direitos humanos, a justiça e a fraternidade para todos. Mas como ser profeta se não se encontra o motivo pelo qual perder a vida? Só podemos entregar aquilo que temos e só podemos perdê-lo por algo que é de verdade imprescindível para nós. Arriscar a vida anunciando uma mensagem fraca, sem Evangelho e sem Cristo, não tem sentido, pois não transformará nada, não converterá ninguém e não estimulará o seguimento de Jesus e a adesão ao seu Reino. A questão aqui não é ser proselitista, mas sim, profeta. A missão não é convencer para converter, mas converter-se e buscar mudar a vida dos fiéis a fim de converter a realidade.

Aqui se trata de levar a sério o princípio da encarnação assim tão caro à hermenêutica do Vaticano II: a nossa historia representa o terreno no qual a fé se faz possível e concreta; este encontro, todavia, não equivale à uma mistura confusa e fraca, como se o Evangelho e a cultura fossem iguais, mas é um encontro que abre a uma superação, sendo a força do Evangelho algo que conduz e perturba, capaz de criar ruptura e de abrir a estrada de uma liberdade ulterior e de uma realização que vai além da história¹⁵².

¹⁵¹ M.F. MIRANDA, «Em vista da Nova Evangelização», *Perspectiva Teológica* 45, 125 (2013) 15.

¹⁵² «Qui si tratta di prendere sul serio il principio dell'incarnazione così caro all'ermeneutica del Vaticano II: la nostra storia rappresenta il terreno entro cui la fede diventa possibile e concreta; questo incontro, tuttavia, non equivale a una mescolanza confusionaria e debole, con me se Vangelo e cultura fossero uguali, ma è un incontro che apre a un superamento essendo la forza del Vangelo qualcosa di trainante di rompente, capace di creare rotture di aprire la strada di libertà ulteriori e di un complimento che va oltre la storia»: F. COSENTINO, *Sui Sentieri di Dio*, 43.

5.2. A profecia desde o Papa Francisco

O Pontificado de Papa Francisco é um belo exemplo de como a profecia pode estar ligada diretamente ao Evangelho e a um modelo de Igreja que não pretende ser a patroa da sociedade. É tempo de construir pontes a fim de que todos possam caminhar e isto ficou bem claro logo na introdução da Encíclica *Amoris Laetitia* «um caminho que no ritmo saudável da proximidade e que não quer deixar ninguém para trás, mas que não para»¹⁵³ e continua «A Igreja como povo, que caminha em meio ao povo, certa do anúncio que é chamada a levar, mas ao mesmo tempo paciente no deixar amadurecer a enorme variedade da situação humana, na sua concreteness»¹⁵⁴. O Papa termina a introdução conclamando ao passo avante para com o Vaticano II

O olhar de Deus é de fato aquele de pai misericordioso, que se inclina sobre a realidade como é, e amando-a, coloca-a no mundo. O pai que, comovendo-se em suas vísceras, pari de novo, renovado. Concretude significa amar as pessoas de carne, a família de carne, os povos com as suas histórias e as suas culturas... permitirá à Igreja dar um grande passo a frente, no espírito mais genuíno do Concílio Vaticano II para levar ao mundo a boa nova do amor na família¹⁵⁵.

O desafio de recuperar a profecia é algo tão difícil e uma missão tão grandiosa que exige tempo e conversão, porém, é necessária uma teologia e um anúncio que ainda sejam capazes de fazer profecia¹⁵⁶, portanto,

Ser cristão hoje, agora, representa ao mesmo tempo um dever e uma profecia. O dever é constitutivo do ser discípulo, homens do seguimento que não vivem voltados a um passado bem definido, mas sim empenhados em ser no hoje da história, os testemunhos do evento Cristo. A profecia se transforma em um estilo necessário no difícil contexto social e cultural em que este dever deve encarnar-se como leitura essencial do presente, desnuda de preconceitos e se coloca atenta ao “possível novo” que emerge¹⁵⁷.

Este exercício deve estar alicerçado na capacidade de compreender os sinais dos tempos e não simplesmente viver de saudosismos. Mas ao mesmo tempo, é uma missão de libertação¹⁵⁸ em conjunto com a sociedade

¹⁵³ C. GIACCARDI, - M. MAGATTI, en FRANCISCO, *Alegria do Amor*, 5.

¹⁵⁴ C. GIACCARDI, - M. MAGATTI, en FRANCISCO, *Alegria do Amor*, 6.

¹⁵⁵ C. GIACCARDI, - M. MAGATTI, en FRANCISCO, *Alegria do Amor*, 8.

¹⁵⁶ «Sono necessari una teologia e un annuncio ancora capaci di profecia»: F. COSENTINO, *Sui sentieri di Dio*, 40.

¹⁵⁷ «Essere cristiani oggi, allora, rappresenta insieme un compito in una profecia. Il compito è costitutivo dell'essere discepoli, uomini della sequela che non vivono rivolti a un passato ben definito, ma si impegnano ad essere nell'oggi della storia i testimoni dell'evento Cristo. La profecia diventa uno stile necessario nel difficile contesto sociale e culturale in cui questo compito devi incarnarsi come lettura essenziale del presente, spoglia di pregiudizi e attenta al “possibile nuovo” che emerge»: F. COSENTINO, *Sui sentieri di Dio*, 30.

¹⁵⁸ «nuestro compromiso por la liberación del hombre, no sólo puede limitarse a solas declaraciones de principios, sino que tampoco puede expresarse sólo en meras denuncias de opresiones e injusticias, por muy necesarias y justificadas que esas denuncias sean. En algunas regiones, como ya he repetido

A Igreja não pode nem deve ser alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos em todo o mundo, ao lado de cooperativas, dando impulso a empreendimentos, construindo casas, trabalhando abnegadamente nas áreas da saúde, desporto e educação. Estou convencido de que a cooperação amistosa com os movimentos populares pode robustecer estes esforços e fortalecer os processos de mudança¹⁵⁹.

5.3. Recuperar a profecia no testemunho pessoal

O modo como o Papa Francisco e o Padre Arrupe pensam e entendem o cristianismo trazem a ideia de que o processo de mudança nasce a partir do momento em que a Igreja se descobre anunciadora do Evangelho e que nos leva a uma conversão, transformação interior, que consequentemente nos fará transformar e libertar o mundo. Esta transformação interior pode ser verificada nos efeitos que provoca a presença do «Mistério santo»¹⁶⁰, consequentemente esta transformação gerará uma transformação social, uma vez que a separação entre fé e vida é a raiz do problema de uma vida religiosa que não interfere necessariamente na vida ética pessoal. É possível continuar comungando, professando a fé Católica e ao mesmo tempo em seu trabalho, vida pessoal e moral, ser corrupto e infiel

Com efeito, não basta gritar «sempre menos» para resistir ao «sempre mais». Não basta moralizar. Certamente, somos em parte cúmplices dessa cultura do consumo do qual percebemos os efeitos nefastos nas existências pessoais e coletivas. Mas trata-se de muito mais do que de escolhas pessoais. Estão em causa os costumes coletivos e a estruturação de uma sociedade e isso nos ultrapassa. A resistência não pode ser somente individual. Ela passa pela invenção e pela instituição de novas práticas sociais. A única maneira de resistir aos comportamentos que a sociedade nos impõe e que fazem de nós consumidores adictos, é inventar e propor novas «artes de viver». De fato, como podemos resistir à pressão do «consumir sempre mais», a não ser aprendendo a «consumir bem»? ¹⁶¹.

A Igreja deve ser portadora desta esperança, porém é preciso que a Igreja local valorize mais a cultura local na pregação da Palavra e o diálogo ecumênico valorize também a luta pela justiça social, e ela deve investir cada vez mais na formação do laicato adulto para que se empenhe na construção de uma sociedade mais justa e sensível ao sofrimen-

varias veces, frente a ciertas situaciones, no podemos adoptar una postura neutral o permanecer callados. En determinadas circunstancias ser neutral es, de hecho, tomar partido y estar de parte del opresor contra el oprimido. Pero tenemos que ir más allá de la denuncia meramente oral y expresada por el gusto solidario o simbólico»: P. ARRUPE, *La Iglesia de hoy y del futuro*, 66.

¹⁵⁹ Discurso do Papa Francisco aos movimentos sociais reunidos na Bolívia no ano de 2015. Certamente um dos discursos mais fortes e mais instigantes no sentido de estar em profunda união com a realidade do mundo, dos povos e dos pobres [Acessado: 14/03/17].

¹⁶⁰ «Quel “tocco” trasforma interiormente la persona come effetto della presenza del Mistero santo»: R. ZAS FRIZ DE COL, *La Presenza trasformante del mistero*, 164.

¹⁶¹ H. GAGEY, «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: o que fazer?», *Perspectiva Teológica*, 214.

to dos mais pobres¹⁶². Ela deve ajudar os batizados a experimentar o motivo pelo qual a mudança e a luta pela justiça devem ser realizadas. Não se fazem reformas e mudanças só com normas ou com teorias, é fundamental ter um motivo e uma experiência espiritual que paute as opções, assim também como experimentar a vida do povo, suas lutas e sofrimentos, portanto, «*Não basta ouvir, falar ou escrever sobre a justiça e a opressão. De alguma maneira temos que conhecê-la por nós mesmos, vivê-la e experimentá-la*»¹⁶³, continua Arrupe, «*não pretendemos manter a credibilidade da nossa missão com puros racionalismos abstratos ou com a simples repetição de princípios gerais. Temos que dar vida e encarnar em obras, os princípios que professamos*»¹⁶⁴. Joseph Ratzinger há muitos anos atrás fez uma profecia que mostra a ideia do que poderemos passar e do que talvez, de um modo bem radical, mereçamos passar, para poder levantar das cinzas do fogo do Espírito e assim podermos viver a vida que brota do apelo de Deus para nós cristãos:

Da crise hodierna emergirá uma Igreja que haverá perdido muito. Será pequena e deverá recomençar mais ou menos do início. Não terá mais condições de habitar muitos dos edifícios que havia construído na prosperidade. Porque, o número dos seus fiéis diminuirá, perderá também grande parte, depois privilégios sociais... Mas depois da prova desta divisão saíra de uma Igreja interiorizada e simplificada uma grande força¹⁶⁵.

6. Proposta pastoral

O momento sócio eclesiológico em que vivemos é uma grande oportunidade para uma ação pastoral profundamente voltada para a um caminho de propostas concretas buscando uma renovada descoberta de uma espiritualidade íntima, mas não intimista, que nos devolva a profecia e nos faça cada dia mais discípulos, aptos a viver no mundo real de acordo com as exigências do evangelho.

6.1. Uma proposta inaciana pastoral

Os Exercícios Espirituais na vida pastoral da Igreja de modo especial no apostolado jesuítico e inaciano, podem ser desenvolvidos nos seguintes modos:

¹⁶² Cfr. M.F. MIRANDA, *A Igreja numa sociedade fragmentada*, 12.

¹⁶³ «De alguna manera tenemos que conocerla por nosotros mismos, vivirla y experimentarla»: P. ARRUPE, *La Iglesia de hoy y del futuro*, 68.

¹⁶⁴ «No podemos pretender mantener la credibilidad de nuestra misión con puros razonamientos abstractos o con la simple repetición de principio generales. Tenemos que dar vida y encarnar en obras los principios que professamos»: P. ARRUPE, *La Iglesia de hoy y del futuro*, 66.

¹⁶⁵ «Dalla crisi odierna emergerà una Chiesa che avrà perso molto. Diventerà piccola e dovrà ripartire più o meno dagli inizi. Non sarà più in grado di abitare molti degli edifici che aveva costruito nella prosperità. Poiché il numero dei suoi fedeli diminuirà, perderà anche grande parte dei privilegi sociali... *Ma dopo la prova di queste divisioni uscirà da una Chiesa interiorizzata e semplificata una grande forza*»: A. COLZI, «La famosa profecia su la chiesa di Joseph Ratzinger» [Acessado: 06/04/17], <http://www.annalisacolzi.it/la-famosa-profecia-sulla-chiesa-di-joseph-ratzinger/>.

- 1) **Objetivo:** Criar oportunidade para a direção espiritual, através de uma reeducação espiritual a partir dos modos de orar de Santo Inácio de Loyola, (EE 151-156), tendo em vista que há um grande déficit na vida de oração, especialmente no modo de orar. Favorecendo e impulsionando uma abertura maior ao mundo interior de cada batizado que queira fazer esta experiência.
O público alvo: todos os batizados que estão ligados às obras dos Jesuítas e outros interessados.
Método: Criar centros de fé e cultura, como já os temos em várias partes do mundo, porém, dar mais visibilidade oferecendo explicitamente a direção espiritual a todas as pessoas. Este seria um apostolado profundamente inaciano e jesuítico, que geraria e formaria leigos, religiosos e religiosas, sacerdotes, ao serviço dos Exercícios Espirituais e da direção espiritual. Estes centros, poderiam oferecer vários exercícios de oração pessoal e paralelamente ir criando um ambiente para a experiência dos EE de oito dias, ou mesmo através dos Exercícios na Vida Cotidiana. Estes centros poderiam também oferecer formação, reflexão, e oração, em torno do tema da vida de união com Cristo e do seu projeto. O ponto central seria a oração, a direção espiritual e o discernimento.

- 2) **Objetivo:** Através do método de oração inaciana, proporcionar aos fiéis um contato mais profundo com uma formação catequética-litúrgico-espiritual, ou seja, mistagógica, através da liturgia e dos seus textos litúrgicos, especialmente das orações eucarísticas e da estrutura da missa. Redescobrir o caminho mistagógico da Eucaristia, sua ligação com a Bíblia e a mística do povo de Deus. Refazer o caminho catequético como (re) iniciação cristã “orante”.
Público alvo: todos os batizados que estão ligados às obras dos Jesuítas e outros interessados, como paróquias, universidades, casas de retiros, jovens.
Método: Formação e experiências de oração pessoal, a partir do que foi estudado e aprofundado a respeito dos textos litúrgicos. Esta experiência levará a um conhecimento racional e à uma experiência “orante” do caminho da fé da Igreja através da liturgia, seja na vida paroquial, como também no mundo da educação e da vida pastoral, lá aonde está a Companhia de Jesus.

- 3) **Objetivo:** Criar uma estrutura através das mídias como a TV e o rádio, seja pela Internet ou nos moldes tradicionais, que ofereça ao público que transita por estes meios e aos demais, uma oportunidade virtual de conhecer melhor os EE de Santo Inácio de Loyola e ir aos poucos descobrindo o valor das mídias e da evangelização através delas. Como também será uma possibilidade de se aproximar de uma espiritualidade que impulse o sair de si para ir ao encontro do Outro.
Público alvo: os fiéis que buscam através do recurso das mídias uma evangelização.
Método: através de debates abertos a participação do público presente, ou mesmo interagindo pela internet, tratar destes temas ligados à espiritualidade, à secularização e à oportunidade que temos nos dias de hoje, de sermos presença

diferenciada no mundo. Criar pequenos filmes dos trabalhos voluntários espalhados pelo mundo todo, através de um banco de vídeos para a Companhia de Jesus mundial, através do qual, devidamente legendados ou dublados, pudéssemos dar a conhecer o trabalho das várias missões dos jesuítas no mundo todo. Estes trabalhos estariam sempre ligados à ação, ao carisma e à espiritualidade dos jesuítas. O Teólogo jesuíta brasileiro João Batista Libânio, dizia em suas aulas de metodologia que «*o que não está agendado não existe*», parafraseando-o, dizemos que «o que não é transformado em imagens (mídias) hoje, não existe.»

7. Conclusão

Encontrar e construir a própria identidade no Cristo, em comunidade e como Igreja, fazendo o que Cristo fez, será um testemunho eficaz na busca de ser na sociedade uma luz que revela um caminho possível e plausível a seguir, é o caminho mais seguro. Mesmo diante de tantos desafios, estes nunca deverão nos deixar sem iniciativas ou mesmo perder o desejo de cada vez mais conhecer o Cristo e segui-lo como o fez Inácio e seus companheiros.

Experimentar e escutar a voz do Senhor nos fará amadurecer e criar condições de escolher sempre, a partir d'Ele e do projeto do Reino e assim, vivenciar esta unidade profunda com aquele que nos envia em seu nome e assim aproveitar a oportunidade que temos no mundo atual, mesmo em meio a tantos desafios. Este desafio de vivermos no tempo atual, nos levará a rever sempre a nossa ação e ao mesmo tempo a nossa relação com o sagrado, nossa união com Jesus e com a profecia. Desse modo, seremos capazes de abrir os horizontes, afrontar os desafios, propor caminhos novos, resgatar a nossa identidade e rever o caminho feito, seja para a Companhia de Jesus e suas obras e carisma, seja para a Igreja em si no Brasil que necessita retomar o caminho da profecia e do testemunho alegre.

O verdadeiro discípulo e missionário, deve sentir o sabor do Cristo e, ao mesmo tempo, possuir um odor de ovelha – como nos lembra Papa Francisco – assim como Cristo possuía.

IV. Conclusão

Uma espiritualidade que se adapte e responda ao tempo no qual vivemos, é necessária e urgente. O caminho que a Igreja no Brasil fez, a partir das intuições da CNBB e do CELAM, impulsiona o Brasil católico a ir mar no aberto, a enfrentar os problemas sem os vê-los apenas como problemas de fato. Mas a Igreja tem consciência de que é também este, um momento de oportunidades tais como: intensificar a relação e a amizade com Jesus Cristo e a partir daí, cada dia mais perceber a centralidade de Cristo e do seu projeto; aprofundar a experiência de ser discípulo e missionário por opção fundamental, discernida e sentida desde o profundo do coração, como vocação; formar assim, cristãos por opção e com identidade madura e forte para enfrentar as demandas do dia a dia, sem flertar com o sagrado e com Deus. Também será oportunidade de saber dialogar com o mundo, sem perder a sua identidade, forjar pessoas capazes de afrontar o secularismo como oportunidade de rever o papel da religião na vida pessoal e na sociedade.

Diante da realidade sócio-ecclesial brasileira, é nítido perceber o quanto os três níveis de secularização apresentado por Charles Taylor está em consonância com a realidade do Brasil, porém, com configurações diferentes. A sociedade brasileira sofre um deslocamento do Deus cristão do seu centro, mas Deus continua muito presente no imaginário da vida do povo de modo geral. O Estado é laico, mas o povo é crente. Deus «insiste» em estar na vida do povo, tanto assim que, hoje na vida pública, os políticos flertam com o nome de Deus. Ser religioso e crer em Deus é muito importante e já é um cartão de entrada no ato de apresentar suas ideias, uma vez que, em sua grande maioria, são de direita conservadora, se bem o penúltimo presidente de influência socialista era declaradamente católico. Porém, no que diz relação à realidade derradeira e à participação de Deus na sociedade brasileira podemos afirmar que é profundamente interessada e muito tendenciosa, serve enquanto tem uma função pragmática, já a realidade derradeira é inexistente e impensável, pois não interessa.

Deus está escondido por detrás das cortinas do espaço público ou mesmo pendurado nos crucifixos das repartições públicas, do Senador, da Câmara dos Deputados e dos tribunais nacionais.

No quesito abandono de práticas religiosas e no que se refere ao abandono da Igreja, aqui está uma grande tensão. Como mostrei, acontece neste momento um grande trânsito religioso em busca de um local para a relação religiosa, seja temporal ou definitiva. O abandono da instituição religiosa neste momento do Brasil não está ligado ao abandono da religião de modo geral, mas apenas à mudança transitória de denominação.

O terceiro modelo de secularização diz respeito à passagem de uma sociedade em que a fé em Deus é inquestionável e, de fato, não problemática, para uma na qual a fé é entendida como uma opção entre outras e em geral, não é mais fácil de ser abraçada. É justamente aqui que a problemática se eleva. Neste último modelo, ele identifica um dos maiores problemas para a religião no Brasil do século XXI. A fé, a religião e Deus, não passam na verdade de um produto entre outros e neste momento, na sociedade dispersa brasileira, há muitos consumidores deste produto em detrimento da instituição, especialmente da Igreja Católica.

O movimento Evangélico de cunho pentecostal e neopentecostal que influencia inclusive a Igreja Católica, usa como arma o «*encantamento*» tão bem desenvolvido por Charles Taylor em seu livro *Uma era secular*. Assistimos a um retrocesso no campo da religião neste momento no Brasil.

A mídia, especialmente a TV, é a grande vitrine deste produto religioso, e os telespectadores, mudam de igreja, como mudam de canal em sua TV. O detalhe é que os clientes e os fiéis, estão cada dia mais exigentes com a qualidade de seu serviço, inclusive buscando defesa jurídica se o resultado não for o esperado. Este ponto, mostra a dispersão total no que diz respeito à busca da fé. A Igreja Católica entrou neste jogo midiático com uma postura de quem está perdendo a batalha. Basta ver a baixa qualidade da sua programação e a pobreza de nível no que diz respeito ao envolvimento com as questões principais do país, como política, direitos sociais do cidadão e desenvolvimento da sociedade.

Há um vácuo entre as opções oficiais da CNBB e as opções dos movimentos de cunho pentecostal católico no Brasil: a Igreja caminha cada vez mais em direção ao individualismo, à manipulação dos fiéis e a uma vida cada dia mais alienada da realidade.

A secularização nos oferece uma oportunidade de redescobrir o verdadeiro sentido de ser batizado no mundo, de como ser Igreja e ao mesmo tempo, nos oferece a oportunidade de uma volta ao nosso mundo interior, para fortalecer e expandir a relação com Cristo e seu projeto.

Santo Inácio de Loyola, os Exercícios Espirituais, a direção espiritual e o discernimento, são desse modo, uma estrada segura por onde podemos caminhar e assim, construirmos uma ponte entre a religião e a sociedade como parceiras e ao mesmo tempo, a religião poderá se transformar não em reguladora da sociedade, mas colaboradora da humanidade quando profetiza, denuncia os descaminhos da mesma e mostra que o ser humano está sendo massacrado e deixado de lado. Discernir e buscar a Vontade de Deus neste mundo fragmentado e disperso é de fato, profetizar novos tempos e o caminho pelo qual devemos seguir.

Por fim, vejo o desafio da secularização como uma oportunidade de formar uma Igreja que tem a sua identidade em Cristo e assim possa sempre viver dele e nele. Vejo na RCC e no pentecostalismo, seja Católico, seja Evangélico, uma oportunidade de construir pontes entre o projeto do Reino de Deus e a religião, a religiosidade popular e a fé de um modo geral, desde que sejam construídos caminhos acompanhados e discernidos.

Esta oportunidade que a Igreja tem em meio a um mundo secularizado, significa não ter medo dos desafios, e ao mesmo tempo procurar dar respostas a eles, à medida que nos aparecem. Afinal, seja a secularização, seja o pentecostalismo em si, ambos merecem a nossa atenção honesta e verdadeira, como oportunidade de acompanhar os cristãos em um encontro mais pessoal e profundo com Jesus Cristo que possa forjar a sua verdadeira identidade e assim, possa ir contra a corrente da busca do bem-estar social, esquecendo a própria história, origem e destino, que está além deste mundo.

V. Bibliografia

- ALBERTO, C.- TONIOL, R., «O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010» [Acessado: 02/05/17], <http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/43576/27431>.
- ALVARENGA, D., «42% dos jovens entre 16 e 24 anos são católicos, diz Data Popular», [Acessado: 28/11/16], <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/442-dos-jovens-entre-16-e-24-anos-sao-catolicos-diz-data-popular.html>.
- ANNALISA, C., «La famosa profezia di Joseph Ratzinger» [Acessado: 06/04/17], <http://www.annalisacolzi.it/la-famosa-profezia-sulla-chiesa-di-joseph-atzinger/>.
- ANJOS, M.F., ed., *Vida Religiosa e novas gerações*, Aparecida 2004.
- ARAGÃO, J., «Evangélicos abrem 14 mil igrejas por ano no Brasil» [Acesso: 13/12/16], <https://noticias.gospelprime.com.br/evangelicos-14-mil-igrejas-ano-brasil/>.
- ARLENDER, G., «**Il contesto della scelta cristiana e ignaziana oggi**», in *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 2 (2006) 86-93.
- ARRUPE, P., *La Iglesia de hoy y del futuro*, Bilbao 1982.
- BAUMAN, Z., *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro 2005.
- BELARDINELLI, S., «¿Una sociedade pós-secular?» in ALBERTI, G.R., *Dios en la sociedad postsecular*, Madrid 2011, 34,35.
- BENEDETTO, V. - BAUMAN, Z., *Intervista sull'identità*, Bari 2016.
- BERGER, P., *Para una Teoría Sociológica de la Religión*, Barcelona 1967, 115.
- BERNARD, C. - COSTA, M.M. - DE ROSA, G. - FAGONE, V., ed., *Gli Esercizi Spirituali oggi*. Roma 1972.
- BRASIL247, [Acessado: 13/12/16], <http://www.brasil247.com/pt/247/economia/150832/IBGE-aponta->.
- CARDOSO, R., «O novo retrato da fé no Brasil» [Acessado: 13/12/16], http://istoe.com.br/152980_O+NOVO+RETRATO+DA+FE+NO+BRASIL/.
- CNBB, *Diretrizes Gerais* (2015-2019), http://www.vicariatodegravatai.org/images/pascomgravatai/2015/dgae_150627.
- _____, Comunidade de Comunidades, <http://diocesedecacador.org.br/site/>.
- CNT/MDA, [Acessado: 10/12/16], <http://imguol.com/blogs/52/files/15/07/pesquisa128-relatorio-sintese.pdf>
- COSENTINO, F., *Sui sentieri di Dio*, Torino 2012.
- COSTA, M., *Sentire, Giudicare, Scegliere, nello Spirito*, Milano 1995.
- CONGAR, Y., *Diversités et communion*, 1982, in M. F. MIRANDA, *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*, 273.
- CHRISTO, C. A. L. Por que fizemos opção pelos pobres (e eles pelo neopentecostalismo...)? [Acessado: 02/05/17], <http://www.controversia.com.br/blog/2017/01/24/por-que-fizemos-opcao-pelos-pobres-e-eles-pelo-neopentecostalismo/>
- DIVARKAR, P.R., «La experiencia de Dios que hace y configura a la persona», in *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*, Bilbao 1991.
- FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*.
- _____, «Discurso do papa aos movimentos populares» [Acessado: 14/03/17]. [http://pt.radiovaticana.va/news/15/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_\(texto_integral\)/1157336](http://pt.radiovaticana.va/news/15/07/10/discurso_do_papa_aos_movimentos_populares_(texto_integral)/1157336).

- GAGEY, H.-J., «A Igreja diante da crise antropológica contemporânea: o que fazer?», *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte 129 (2014) 307-322.
- GARCIA-LOMAS, J.M., *Ejercicios Espirituales Y Mundo de Hoy*, Bilbao – Santander 1991, 7 -138.
- GLOBO.COM, «Número de evangélicos aumenta» [Acessado: 28/11/16, <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>].
- _____, «Número de divórcios no Brasil», <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/numero-de-divorcios-no-brasil-e-o-maior-desde-1984-diz-ibge.html>.
- _____, <http://oglobo.globo.com/brasil/desde-10-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799> [Acessado: dia 27/03/17].
- GOMES, M.P., «Índios do Brasil» [Acessado no dia 30/11/16], <http://www.historiadobrasil.net/indiosdobrasil/>.
- GÓMEZ-PUIG GÓMEZ, E., «**Pedro Fabro, un modelo inspirador para la cultura de nuestro tiempo**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 18 (2014) 209-272.
- HERVIEU-LÉGER, D., *La Religion pour Mémoire*, Paris 2008.
- JURADO, M.R., *Il Discernimento Spirituale, Teologia, Storia, Pratica*, Milano 1997.
- _____, *La experiencia cristiana de Dios*, 07.
- MARTINI, C.M., «Ejercicios Espirituales y momento actual: planteamiento del congreso», en LOMAS, J.M.G., ed., *Ejercicios Espirituales y Mundo de hoy*, Bilbao 1991.
- MARTINS, D., Levantamento revela que nasce uma igreja a cada duas horas [Acesso: 13/12/16], <https://noticias.gospelmais.com.br/levantamento-revela-brasil-aberta-igreja-cada-duas-horas-60137.html>.
- MELLONI, J., *La Mistagogia de los Ejercicios*, Bilbao 2001.
- _____, «Ejercicios Espirituales e momento actual», en LOMAS, J.M.G., ed., *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*, Bilbao 1991.
- MIRANDA, M.F., *A Igreja Numa Sociedade Fragmentada*, São Paulo 2006, 264.
- _____, «Em vista da nova evangelização», *Perspectiva Teológica*, 125 (2013)13-34.
- NERI, M.C., «Novo mapa das religiões» [Acessado: 30/11/16], <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/re3/REN>, <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/re3/REN>.
- NOVAES, R., «Dossiê das religiões no Brasil» [Acessado no dia 28/11/16], http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020.
- QUEVEDO, L.G., «Os exercícios espirituais no Brasil», *Perspectiva Teológica* 35 (2003) 239-252, 242.
- REINERT, J.F., «O Contexto sociocultural e religioso» [Acessado: 31/10/16], https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao.
- RIBEIRO, C.O., «Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo» [Acessado: 07/11/16, 61], *Estudos de Religião* v. 27, n. 2. 53 – 71, julho – dez 2013, https://www.metodista.br/revistas/revistas_ims/index.php/ER/article/view/4434/3768
- RIBEIRO, M., «Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010» [acessado: 02/05/17].
- RUBENS, P., *O Rosto Plural da Fé*, São Paulo 2008.
- TAYLOR, C., *Uma Era Secular*, São Leopoldo 2010.
- UGOSKI, M.D., «História da RCC» [Acesso: 01/12/16]. <http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>

- VALE, E., «Dossiê de religiões no Brasil» [Acessado: 01/12/16], http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300008.
- VELASCOS, J.M. *La experiencia cristiana de Dios*, Madrid 2007.
- WIKIPEDIA, https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidades_novas.
- ZAS FRIZ DE COL, R., *La Presenza trasformante del mistero, Prospettiva di teologia spirituale*, Roma 2015.
- _____, *Iniziazione alla vita eterna: Respirare, Trascendere e Vivere*, Milano 2012.
- _____, *Teologia della vita cristiana, Contemplazione, vissuto teologale e trasformazione interiore*, Milano 2010.
- _____, «**Teologia de la vida cristiana ignaciana, Ensayo de interpretación histórico-teológica**», in *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 9 (2010) 3-71.
- _____, «**La vida cristiana Inaciana en el contexto conteporáneo**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 11 (2011) 144-156.
- _____, «**La trasformazione mistica ignaziana**», *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 5 (2008) 21-33.
- _____, «La silenziosa rivoluzione antiescatologica», in *La Civiltà Cattolica*, 3937 (2014/3) 32-42.
- _____, «**Considerazioni sullo scegliere**» in *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 2 (2006) 94-106.
- _____, «**Radinarsi in Dio**», in *Ignaziana* (www.ignaziana.org) 12 (2011) 162-302.